

ESPETÁCULOS
APRESENTADOS
PELO TEATRO
BRASILEIRO DE
COMÉDIA (TBC)
EM SÃO PAULO E
NO RIO DE JANEIRO
ENTRE 1948 E 1965

**Compilação e
sinopses por
José Cetra Filho**



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor Regional

Luiz Deoclecio Massaro Galina

Conselho Editorial

Carla Bertucci Barbieri

Jackson Andrade de Matos

Marta Raquel Colabone

Ricardo Gentil

Rosana Paulo da Cunha

Edições Sesc São Paulo

Gerente Iã Paulo Ribeiro

Gerente Adjunto Francis Manzoni

Editorial Clivia Ramiro

Assistente: Maria Elaine Andreoti

Produção Gráfica Fabio Pinotti

Assistente: Ricardo Kawazu

À MARGEM DA VIDA

Agosto de 1948

no THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Grupo de Teatro Experimental

Texto: Tennessee Williams

Tradução: Esther Mesquita

Encenação, vestimentas e

direção geral: Alfredo Mesquita

Cenógrafo: Clóvis Graciano

Diretor de cena: Hélio Pereira de Queiroz

Elenco: Caio Caiuby, Marina Freire Franco,

Nidia Pincherle e Abílio Pereira de Almeida



Por iniciativa de Alfredo Mesquita, o Grupo de Teatro Experimental (GTE) montou pela primeira vez no Brasil o estadunidense Tennessee Williams (1911-1983). A versão do texto de *The Glass Menagerie* (*O zoológico de vidro*) foi assinada por Esther Mesquita, irmã de Alfredo, que a rebatizou poeticamente com o título *À margem da vida*. As apresentações aconteceram no Theatro Municipal de São Paulo nos dias 10 e 11 de agosto de 1948 e a renda do espetáculo reverteu em benefício das obras de reforma do edifício do bairro do Bixiga que iria abrigar o futuro TBC. Posteriormente, a atriz Nidia Pincherle trocou “i” por “y” e adotou o nome artístico de Nydia Licia. A notar, também, a estreia de Abílio Pereira de Almeida como ator. O programa do espetáculo contém informações sobre a recém-criada Sociedade Brasileira de Comédia (SBC) e também sobre o futuro Teatro Brasileiro de Comédia. A peça cumpriu temporada mais longa no final do mesmo ano, já no palco do TBC.

LA VOIX HUMAINE

Outubro de 1948

no TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

Texto: Jean Cocteau

Diretora e intérprete: Henriette Morineau

Ponto: Lúcia de Almeida

Numa terça-feira, dia 11 de outubro de 1948, o Teatro Brasileiro de Comédia abre sua cortina pela primeira vez, para receber madame Henriette Morineau, convidada para inaugurar o espaço, apresentando em francês a peça *La voix humaine* (*A voz humana*), de Jean Cocteau (1889-1963). O público é composto basicamente de convidados de Franco Zampari pertencentes à elite paulistana, e a função de ponto é exercida por Lúcia de Almeida, esposa de Abílio Pereira de Almeida. Ao solo de Morineau sucedia-se, após um breve intervalo, a peça *A mulher do próximo*, escrita e dirigida por Abílio.

A MULHER DO PRÓXIMO

Outubro de 1948

Grupo de Teatro Experimental

Texto e direção: Abílio Pereira de Almeida

Cenógrafo: Aldo Calvo

Ponto: Hélio Pereira de Queiroz

Vestidos das atrizes: Beatriz Biar

Elenco: Abílio Pereira de Almeida, Paulo

Cajado, Carlos Vergueiro, Raphael Ribeiro

da Luz, Ildo Pássaro, Sérgio Junqueira,

Cacilda Becker, Fleury Martins, Marina

Freire Franco, Nelson D'Agostinho,

Francisco Coutinho e Delmiro Gonçalves



Traição conjugal na elite industrial e financeira paulistana é o tema desta comédia de Abílio Pereira de Almeida encenada pelo grupo amador GTE (Grupo de Teatro Experimental) e apresentada na segunda parte da noite de inauguração do TBC. Segundo Nydia Licia, ela abdicou de papel central por temer ser despedida do escritório no qual trabalhava durante o dia, devido ao tema tratado, e a solução de Franco Zampari foi contratar uma atriz profissional para substituí-la: Cacilda Becker Fleury Martins. A peça cumpre temporada até o final de outubro de 1948, recebendo o seguinte elogio do crítico Décio de Almeida Prado: “Se uma peça é escrita com talento, se representa uma nota de originalidade e de pensamento próprio dentro de nossa pálida produção dramática, basta tal fato para que mereça a nossa admiração e nosso interesse”.

O BAILE DOS LADRÕES

Novembro de 1948

Grupo Universitário de Teatro

Texto: Jean Anouilh

Tradução: Antonio Candido e

Abílio Pereira de Almeida

Direção: Décio de Almeida Prado

[e colaboração de R. Rognoni]

Cenografia: Hilde Weber

Figurinos: Majô Rheingantz

Marcação das danças: Kitty Bodenhein

Penteados: Vicente

Elenco: Eduardo Bassi, José Scatena,

Mira Lifchitz, Oliveiros da Silva Ferreira,

Waldemar Wey, Delmiro Gonçalves, Lígia

Corrêa, Nidia Pincherle, Glauco de Divitis,

Ruy Affonso Machado, Ciro Cury,

Silvia Lúcia Alayon, Carlos Augusto e

Carlos O. Junqueira Franco

Essa comédia *pièce rose* do francês Jean Anouilh (1910-1987), escrita em 1932 e consagrada na Europa a partir de 1938, contava então com os amadores do Grupo Universitário de Teatro (GUT), coordenado pelo crítico Décio de Almeida Prado, que também dirigiu a montagem. Estreou em 4 de novembro de 1948 e alcançou sucesso de crítica e público. Na ficha técnica constam os nomes de Antonio Candido (um dos tradutores) e do futuro crítico Delmiro Gonçalves, este no elenco.

À MARGEM DA VIDA

Novembro de 1948

Grupo de Teatro Experimental

Texto: Tennessee Williams

Tradução: Esther Mesquita

Encenação, vestimentas e direção geral:

Alfredo Mesquita

Cenografia: Clóvis Graciano

Direção de cena: Hélio Pereira de Queiroz

Elenco: Caio Caiuby, Marina Freire Franco,

Nidia Pincherle e Abílio Pereira de Almeida



Após *O baile dos ladrões*, *À margem da vida* é reapresentada no palco do TBC com o mesmo elenco visto no Theatro Municipal de São Paulo. Segundo Nydia Licia, em seu livro *Eu vivi o TBC*, “apesar de a peça já ter sido vista por público bastante numeroso no Municipal, a bilheteria do TBC registrou 3.500 lugares vendidos, o que não era nada desprezível para a época. Não há dúvida de que o espetáculo deve ter lucrado em qualidade ao ser apresentado em um teatro menor e com ótima acústica”. Com essa montagem, Alfredo Mesquita desliga-se do Grupo de Teatro Experimental para dedicar-se exclusivamente à Escola de Arte Dramática (EAD), criada para fornecer quadros para o TBC, e que funcionou, inicialmente, no mesmo prédio.

I HAVE BEEN HERE e A ESQUINA PERIGOSA

Dezembro de 1948

Sociedade de Amadores Ingleses

Peça: *I Have Been Here*

Texto: J. B. Priestley

Direção e cenografia: Audrey Cammiade

Elenco: Mary Rees, Mary Durrell, R. H.

Eagling, W. S. Born, Tiny Shaw e Tommy
Cammiade

Grupo de Artistas Amadores

Peça: *A esquina perigosa (Dangerous Corner)*

Texto: J. B. Priestley

Direção: Madalena Nicol

Elenco: Marta Extein, Madalena Nicol,

Esther Guimarães, Eva Lieblich, Paulo

Autran, Paulo Cajado e Glauco de Divitis

O ano de inauguração do TBC termina com apresentações, em dias diferentes, de duas peças do dramaturgo britânico J. B. Priestley (1894-1984): *I Have Been Here*, encenada no original em inglês pela Sociedade de Amadores Ingleses (duas apresentações) e dirigida por Audrey Cammiade; e *A esquina perigosa (Dangerous Corner)*, já com o Grupo de Artistas Amadores, sob direção de Madalena Nicol, em sua primeira incursão nessa função, e a participação, no elenco, do estreante Paulo Autran (catorze apresentações).

INGENUIDADE

Janeiro de 1949

Grupo de Arte Dramática

Texto: John van Druten

Direção: Madalena Nicol

Cenografia: Aldo Calvo e Bassano Vaccarini

Figurinos femininos: Beatriz Biar

Elenco: Cacilda Becker, Madalena Nicol e

Maurício Barroso

O ano de 1949 começa com uma rápida volta ao cartaz de *A mulher do próximo*, mas sem o mesmo sucesso da temporada anterior. Segue-se a estreia de *Ingenuidade* (*The Voice of the Turtle*), texto sem maiores pretensões artísticas do dramaturgo anglo-americano John van Druten (1901-1957). O programa alcançou grande êxito, conforme Alberto Guzik em seu livro *TBC: crônica de um sonho*: “[...] Em virtude da habilidade da direção e do talento dos intérpretes, somados à carpintaria de Van Druten, a peça foi o primeiro grande sucesso do TBC, permanecendo em cartaz durante cinco semanas. Os êxitos anteriores não haviam superado temporadas de três semanas”. A habilidosa direção é creditada a Madalena Nicol, que ganhava prestígio na companhia como diretora e atriz, e o elenco era formado pelo trio mais importante do TBC na ocasião, uma vez que seus elementos eram os únicos que já recebiam salário. Nesse período chega ao Brasil o encenador italiano Adolfo Celi, contratado por Franco Zampari como diretor artístico do TBC.

PIF-PAF

Março de 1949

Texto e direção: Abílio Pereira de Almeida
Cenografia: Sophia Lebre Assunção
Figurinos das atrizes: Beatriz Gonçalves Biar
Elenco: Madalena Nicol, Haroldo Gregory,
Glauco de Divitis, Maurício Barroso,
Helenita Queiroz Matoso, José Scatena,
Célia Gonçalves Biar, Marina Freire Franco,
Delmiro Gonçalves, Ruy Affonso Machado,
Abílio Pereira de Almeida e José Queiroz
Matoso

Remontagem da comédia de Abílio Pereira de Almeida, já encenada em 1946 e 1947, em programa duplo com *Antes do café*, de Eugene O'Neill, numa combinação nada ortodoxa. Foram 26 apresentações, para cerca de 5 mil espectadores. A temporada mereceu uma irônica observação de Décio de Almeida Prado em *O Estado de S. Paulo*: “No espetáculo do TBC estabelece-se um contraste sumamente expressivo, ao passo que O'Neill evoca num simples monólogo toda a vida de um homem, Abílio necessita quatro quadros para apresentar a situação inicial de sua peça”.

ANTES DO CAFÉ

Março de 1949

Texto: Eugene O'Neill

Tradução: Sylvia Mendes Cajado

Cenografia: Bassano Vaccarini

Figurinos: Beatriz Gonçalves Biar

Elenco: Madalena Nicol

Em contraste com a comédia *Pif-Paf*, que lhe faz companhia nessa temporada do TBC, o drama de Eugene O'Neill (1888-1953) é uma história densa, escrita pelo dramaturgo norte-americano em 1916. Passa-se numa manhã, na qual a Sra. Rowland comenta com amargura sobre seu fracassado e infeliz casamento com Alfred, que agoniza no quarto ao lado. Madalena Nicol, que também atuou como atriz em *Pif-Paf*, encarregou-se da direção e foi muito elogiada por sua atuação no monólogo, apresentado antes da peça de Abílio.

AIMÉE E A COMPANHIA DE COMÉDIAS DO TEATRINHO ÍNTIMO

(RIO DE JANEIRO) – Abril de 1949

Peça: Ele, ela e o outro

Texto: Louis Verneuil

Tradução: Daniel Rocha

Direção: Esther Leão

Cenografia: Aldo Calvo

Elenco: Ambrósio Fregolente, Aimée e
Paulo Porto

Peça: A inconveniência de ser esposa

Texto e direção cênica: Silveira Sampaio

Direção geral: Carlos Frias

Cenografia: Aldo Calvo

Cenotécnico: Bassano Vaccarini

Elenco: Flávio Cordeiro, Laura Suarez,
Silveira Sampaio e Aimée

Por falta de espetáculos de grupos amadores paulistas para preencher o mês de abril de 1949, Franco Zampari convida a companhia carioca da atriz baiana Aimée (Haidée Salles Lemos, 1923-2003). O grupo apresenta *Ele, ela e o outro*, comédia despretensiosa de Louis Verneuil (1893-1952), com dois atores de carreira sólida, Fregolente e Paulo Porto; e *A inconveniência de ser esposa*, cujo maior atrativo é a presença de Silveira Sampaio (1914-1964) na autoria e na interpretação. Para Décio de Almeida Prado, Silveira Sampaio havia descoberto “um novo e riquíssimo filão cômico [...] na mais original comédia brasileira moderna”.

A NOITE DE 16 DE JANEIRO

Maio de 1949

Conjunto de Arte Teatral

Texto: Ayn Rand

Tradução: Dinah Prado Marcondes e Abílio Pereira de Almeida

Direção: R. H. Eagling

Elenco: Nelson Ernesto Coelho, Paulo Autran, Júlio Gouveia, Lindberg Faria, Luciano Centofant, Orlando Ardinghi, Reynaldo Jardim, José de Biase, Nydia Pincherle, Moyses Leiner, José Expedito de Castro, João Ernesto Coelho, Bernardo Rochwerger, Célia Gonçalves Biar, Marina Freire Franco, Clóvis Garcia, Jacob Leiner, Renato Consorte, Abílio Pereira de Almeida, Edson Ernesto Coelho, Carlos Olyntho Junqueira, A. G. de Oliveira, Hélio Jardim da Silveira e Dârcio Pereira



Paulo Autran cria o Conjunto de Arte Teatral para montar *A noite de 16 de janeiro* (*Night of January 16th*), texto da dramaturga estadunidense de origem judaico-russa Ayn Rand (1905-1982) cuja ação se passa num tribunal, onde Karen Borg é julgada pelo assassinato de seu amante. O “júri” era escolhido na hora entre os espectadores presentes e, dependendo do resultado, apresentava-se um dos dois finais ensaiados. Paulo, que cotidianamente ainda exercia a profissão de advogado, convidou Ronald H. Eagling, do grupo The English Players, para dirigir o espetáculo, com mais de vinte figuras em cena. A peça foi uma sugestão de Franco Zampari, que a vira no exterior. Segundo Nydia Licia, mesmo obtendo sucesso, foi retirada de cartaz após duas semanas, devido a desavenças internas.

DOIS DESTINOS e A MÃO DO MACACO

Maio de 1949

Peça: Dois destinos

Texto: Noel Coward

Tradução e direção: Madalena Nicol

Elenco: Madalena Nicol, Marina Freire

Franco, Haroldo Gregory, A. C. Carvalho,

Thalma de Oliveira, Tito Fleury Martins e

Célia Biar

Com a saída repentina de cartaz de *A noite de 16 de janeiro*, recorreu-se a duas peças traduzidas, dirigidas e interpretadas por Madalena Nicol, cujas montagens não estavam completamente prontas.

Dois destinos (*Brief Encounter*), escrita por Noel Coward (1899-1973), mostra a delicada história amorosa de um homem e uma mulher que se conhecem em uma estação de trem, história que rendeu o famoso filme do inglês David Lean de 1945, provável motivação para a montagem.

Peça: A mão do macaco

Texto: W. W. Jacobs

Tradução e direção: Madalena Nicol

Elenco: Madalena Nicol, A. C. Carvalho,

Haroldo Gregory, Tito Fleury Martins e

Carlos O. Junqueira

A mão do macaco (*The Monkey's Paw*) é uma peça pouco conhecida do autor inglês W. W. Jacobs (1863-1943), classificada como “um conto macabro”. É curioso notar a presença de Tito Fleury Martins, marido de Cacilda na época, aventurando-se como ator no elenco dessa peça e também da anterior.

A temporada-relâmpago desse programa duplo foi de duas semanas e antecedeu a estreia de *Nick Bar*, que se tornou um marco do repertório do TBC por tratar-se da primeira montagem profissional da companhia.

NICK BAR... ÁLCOOL, BRINQUEDOS, AMBIÇÕES

Junho de 1949

Texto: William Saroyan

Tradução: Gustavo Nonnenberg

Direção: Adolfo Celi

Cenografia: Aldo Calvo

Elenco: Abílio Pereira de Almeida, Haroldo

Gregory, Milton Ribeiro, Gustavo

Nonnenberg, Maury Lopes, Carlos O.

Junqueira, Fredi Kleemann, Maurício

Barroso, Cacilda Becker, José Expedito de

Castro, Thales de Castro, Carlos Vergueiro,

Ondina Motta, Ricardo Campos, Madalena

Nicol, Moyses Leiner, Tito Fleury Martins,

Maria Augusta Costa Leite, Waldemar

Wey, Célia Biar, Rejane Milliet, Hollanda

Maria, Marina Freire e Ruy Affonso



A primeira montagem profissional do TBC é também a primeira direção de Adolfo Celi para a companhia, reunindo 24 figuras em cena. A peça do dramaturgo norte-americano William Saroyan (1908-1981), *The Time of Your Life*, passa-se num bar com muitos frequentadores, “abrindo espaço aos numerosos intérpretes que haviam deixado os amadores para formar o primeiro quadro extenso de profissionais do conjunto de Franco Zampari”, como nota Alberto Guzik no livro *TBC: crônica de um sonho*.

No elenco, a presença de Milton Ribeiro, que se tornaria famoso como Lampião no filme de Lima Barreto *O cangaceiro* (1953) – da Cia. Cinematográfica Vera Cruz, criada, como o TBC, por Franco Zampari. Deu-se também a estreia como ator daquele que se tornaria o fotógrafo oficial da companhia até 1957: Fredi Kleemann. Bem recebido pela crítica e pelo público, o espetáculo lotou o teatro durante cinco semanas. No final de 1949, o empresário Joe Kantor alugou um espaço vizinho ao prédio do TBC e inaugurou um restaurante com o nome Nick Bar, que funcionou até 1956, recebendo artistas, boêmios e políticos.

ARSÊNICO E ALFAZEMA

Julho de 1949

Texto: Joseph Kesselring

Direção: Adolfo Celi

Cenografia: Noêmia, com supervisão de Aldo Calvo

Contrarregra: Maury Lopes

Elenco: Cacilda Becker, J. E. Coelho Neto, Ruy Affonso, Clóvis Garcia, Moisés Leiner, Madalena Nicol, Célia Biar, Maurício Barroso, Haroldo Gregory, Milton Ribeiro, A. C. Carvalho, Carlos Vergueiro, Geraldo Pacheco Jordão e José Expedito de Castro



Esta é a segunda direção de Celi para o TBC, e mais uma vez Cacilda Becker e Madalena Nicol estão juntas no palco, desta vez muito próximas, porque interpretam duas velhinhas que alugam quartos para idosos solitários e que, com “pena” deles, os envenenam com arsênico e os enterram no porão da casa. O texto, do norte-americano Joseph Kesselring (1902-1967), representou uma grande oportunidade para as intérpretes.

Foi a última vez que Cacilda e Madalena trabalharam juntas. Cacilda atuou grávida, afastando-se do espetáculo somente nas últimas representações, quando foi substituída por Célia Biar. A peça permaneceu dois meses em cartaz com muito sucesso, sendo remontada em 1951, com Marina Freire substituindo Madalena Nicol.

LUZ DE GÁS

Setembro de 1949

Texto: Patrick Hamilton
Tradução: Sylvia Mendes Cajado
Direção: Adolfo Celi
Cenografia: Sofia Lebre Assunção
Figurinos: Aldo Calvo
Contrarregra: Maury Lopes
Elenco: Madalena Nicol, Ruy Affonso, Célia Biar, Elisabeth Henreid e Carlos Vergueiro.



Filmes norte-americanos de sucesso baseados em peças teatrais inspiraram o TBC a montar diversas peças. Foi assim com *Dois destinos* e também com *Luz de gás*, peça do inglês Patrick Hamilton que gerou filme de grande sucesso de 1944, dirigido por George Cukor, com Ingrid Bergman e Charles Boyer nos papéis principais, aqui interpretados por Madalena Nicol e Ruy Affonso. No suspense, uma jovem recém-casada desconfia que seu marido seja um assassino e que ela possa ser a sua próxima vítima. Foi a última participação de Madalena Nicol no TBC.

Texto: Alfred Savoir
Tradução: Raymundo Magalhães Júnior
Direção: Ruggero Jacobbi
Cenografia e figurinos masculinos: Aldo Calvo
Figurinos femininos: Beatriz Biar
Contrarregista: Maury Lopes
Elenco: Nelson Ernesto, Carlos Vergueiro,
A. C. Carvalho, Ruy Affonso Machado,
Elisabeth Henreid, Waldemar Wey, Gini
Brentani, Maurício Barroso, Célia Biar,
Maury Lopes, Milton Ribeiro, Victor
Merinov e Geraldo Pacheco Jordão



Depois de dirigir três montagens seguidas, Adolfo Celi dá lugar a seu compatriota Ruggero Jacobbi, que já vinha desenvolvendo vários trabalhos no Rio de Janeiro.

Jacobbi escolhe a peça do autor polonês radicado na França Alfred Savoir (1883-1934), tendo como protagonista a atriz em ascensão Célia Biar, conforme texto inserido no programa da peça: “O elenco apresenta, antes de tudo, esta particularidade: a ausência de Cacilda Becker e de Madalena Nicol. Enquanto prepara para as duas consagradas atrizes novas oportunidades de interpretação e de sucesso, o Teatro Brasileiro de Comédia quis oferecer a Célia Biar – elemento que o público tem visto progredir de peça em peça – uma possibilidade de demonstrar todo o seu talento, no difícil papel da Princesa. Do seu lado, Maurício Barroso – já consagrado como galã de comédias – apresenta-se pela primeira vez num papel cheio de *nuances* poéticas e dramáticas”. Depois disso, realmente Cacilda teve muitas oportunidades nas montagens da companhia, enquanto Madalena saiu. A peça obteve discreto sucesso, atraindo cerca de 13 mil espectadores ao TBC.

No início de novembro, é fundada a Cia. Cinematográfica Vera Cruz, o mais ambicioso empreendimento de Franco Zampari.

O MENTIROSO

Novembro de 1949

Texto: Carlo Goldoni

Tradução, adaptação e direção: Ruggero Jacobbi

Cenografia e figurinos: Aldo Calvo

Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro

Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko

Direção de cena: Pedro Petersen

Contrarregra: Sebastião Ribeiro

Elenco: Sebastião Ribeiro, Zilda Hamburger,

Zilah Maria, Elisabeth Henreid, Ruy Affonso

Machado, Renato Consorte, Sérgio Cardoso,

Carlos Vergueiro, Célia Biar, Maurício

Barroso, Waldemar Wey, A. C. Carvalho,

Nelson Ernesto Coelho, Maury Lopes e

José Expedito de Castro



Ruggero Jacobbi sabia com quem estava lidando ao escolher Carlo Goldoni (1707-1793) como autor de sua segunda direção no TBC. Ambos eram venezianos e Jacobbi tinha profundos conhecimentos da *commedia dell'arte*, base da peça de Goldoni.

O mentiroso (*Il bugiardo*) foi encenação requintada e bem produzida que, segundo Nydia Licia, “seria o espetáculo mais bonito e de maior sucesso do TBC”, com direção precisa, elenco em grande momento, sugestivos e belos figurinos – segundo as principais críticas –, mas os maiores atrativos da peça eram a interpretação de Sérgio Cardoso, estreando no TBC como o protagonista Lélis, o mentiroso do título, e o palco-cenário giratório de Aldo Calvo, aplaudido em cena aberta. “Foi a primeira vez que vimos o público dar uma salva de palmas ao cenário”, escreveu, surpreso, o crítico do jornal *A Gazeta*.

O programa é exemplo de material de divulgação de uma obra. Contém dados sobre o autor, reflexão do diretor sobre a peça, ilustrações e definições das figuras da *commedia dell'arte*, informações sobre as músicas utilizadas e página inteira sobre a recém-criada Cia. Cinematográfica Vera Cruz. A peça seria remontada no final de abril de 1952, com algumas alterações no elenco feminino e sempre com muito sucesso.

ENTRE QUATRO PAREDES

Janeiro de 1950

Texto: Jean-Paul Sartre
Título original: *Huis clos*
Tradução: Guilherme de Almeida
Direção: Adolfo Celi
Cenografia: Bassano Vaccarini e Carlos Giacchieri
Figurinos: Aldo Calvo
Maquiagem e cabelos: Victor Merinov
Elenco: Sérgio Cardoso, Cacilda Becker, Nydia Lícia e Carlos Vergueiro



Provocou polêmica a encenação da peça do filósofo francês criador do existencialismo com um desertor, uma lésbica e uma infanticida a clamarem que “o inferno são os outros” num palco da ainda provinciana São Paulo de 1950. A direita (Igreja católica) e a esquerda (Partido Comunista Brasileiro) tentaram influenciar pela proibição do espetáculo, que assim mesmo foi um sucesso.

No livro *Ninguém se livra de seus fantasmas* (Perspectiva, 2002), Nydia Lícia lembrou sua vivência da interpretação da mulher seduzida sexualmente pela personagem de Cacilda Becker: “Dentro de mim, travava-se uma luta entre os preconceitos burgueses e uma nova mentalidade em formação, sem a qual não sobreviveria no mundo do teatro profissional”.

Além da direção segura de Celi, a crítica exaltou os quatro intérpretes. Nydia e Sérgio Cardoso aproveitaram para comemorar seu noivado no Nick Bar, “o mítico anexo [ao teatro] que, segundo a própria musa sartriana Juliette Gréco, era mais existencialista que o Tabou, de Paris” (Sérgio Coelho, “Laboratórios misteriosos – Montagem de Adolfo Celi para *Entre quatro paredes*, em 1950, foi decisiva para a profissionalização do teatro em São Paulo”, publicada na *Folha de S.Paulo* em 12 jun. 2005).

UM PEDIDO DE CASAMENTO

Janeiro de 1950

Texto: Anton Tchekhov

Tradução: Victor Merinov

Direção: Adolfo Celi

Cenografia: Bassano Vacarini e Carlos Giacchieri

Figurinos: Aldo Calvo

Maquiagem e cabeleiras: Victor Merinov

Elenco: Sérgio Cardoso/Ruy Affonso, Cacilda Becker/Célia Biar e Waldemar Wey

Uma inusitada escolha para compor uma temporada com dois espetáculos. Uma comédia sutil de Anton Tchekhov, a fazer par com o denso Sartre de *Entre quatro paredes*. Após uma semana em cartaz, o diretor Celi substituiu Cacilda por Célia Biar; e Sérgio, por Ruy Affonso. A apresentação da peça russa antecedia a polêmica *Entre quatro paredes*, que fechava a noite sob muitos olhares escandalizados.

OS FILHOS DE EDUARDO

Março de 1950

Texto: Marc-Gilbert Sauvajon
Tradução: Renato Alvin e Mário da Silva
Direção: Cacilda Becker e Ruggero Jacobbi
Cenografia: Túlio Costa
Figurinos: Beatriz Biar
Maquiagem e cabeleiras: Victor Merinov
Elenco: Fredi Kleemann, Ruy Affonso,
Célia Biar, Glauco de Divitis, Cacilda Becker,
Nydia Licia, A. C. Carvalho, Waldemar Wey,
Sérgio Cardoso, Maurício Barroso, Marina
Freire e Elisabeth Henreid



Torna-se uma prática no TBC alternar espetáculos de maior comprometimento artístico e intelectual com comédias leves. É o caso da escolha da peça de Marc-Gilbert Sauvajon (1909-1985) para substituir *Entre quatro paredes*. A trama envolve as divertidas peripécias de uma senhora (Cacilda Becker) para explicar aos três filhos que eles têm pais diferentes. Cacilda autodirigiu-se, recebendo apenas pequenas indicações de Ruggero Jacobbi, que resolveu dividir com ela o crédito de direção. A peça tornou-se um grande sucesso, permanecendo nove semanas em cartaz, com público recorde de 25 mil espectadores.

A RONDA DOS MALANDROS

Maio de 1950

Texto: John Gay

Título original: *The Beggar's Opera*

Tradução e adaptação: Carla Civelli e

Maurício Barroso

Direção: Ruggero Jacobbi

Cenografia e figurinos: Túlio Costa

Elenco: Maurício Barroso, Zilda Hamburger,

Waldemar Wey, A. C. Carvalho, Fredi

Kleemann, Milton Ribeiro, Ricardo Campos,

Marina Freire, Cacilda Becker, Ruy Affonso,

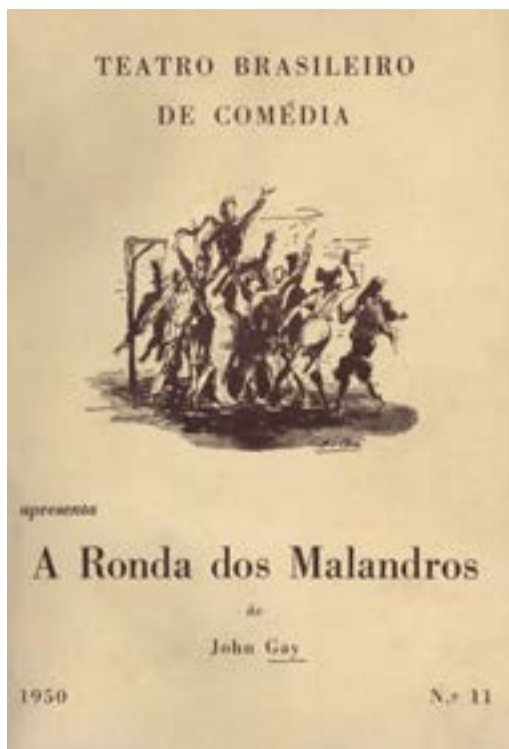
Marisa Marcos, Holanda Maria, Elisabeth

Henreid, Zilah Maria, Rachel Moacyr, Sérgio

Cardoso, Glauco de Divitis, Nydia Licia,

Frank Hollander, Ildo Pássaro, Maury Lopes e

Victor Merinov



O palco do TBC voltou a ter mais de vinte atores em cena nesta montagem da peça de John Gay (1685-1732), cuja trama e personagens deram origem a *A ópera dos três vinténs*, de Bertolt Brecht e Kurt Weill. Foi o último trabalho de Ruggero Jacobbi para essa fase da companhia. Entre as dificuldades da montagem havia dança e músicas, algumas delas compostas pelo maestro Enrico Simonetti (não creditado na ficha técnica disponível). As críticas ruins não afastaram o público, que lotou o teatro durante as duas semanas em que a peça ficou em cartaz. Franco Zampari retirou-a de cartaz sem consultar Jacobbi, fato que levou o diretor a pedir demissão.

ADOLESCÊNCIA

Maio-Junho de 1950

Texto: Paul Vanderberghe
Tradução: R. Magalhães Jr. e Renato Alvim
Direção: Ziembinski
Cenografia: Carlos Giacchieri
Cenotécnicos: Arquimedes e Walter Ribeiro
Iluminação: Nelson Duarte e Duilio di Pinto
Contrarregas: Pedro Petersen e Maury Lopes
Elenco: Nely Rodrigues, Joseph Guerreiro e Ziembinski



Mais uma vez, a retirada inesperada de cartaz de um espetáculo criou um vazio a ser urgentemente preenchido. Dessa vez Franco Zampari convidou Ziembinski, que já tinha nome consolidado no Rio de Janeiro, para apresentar duas peças da companhia que ele formara naquela cidade (Produções Artísticas Ziembinski). *Adolescência*, do francês Paul Vanderberghe (1912-1961), foi a primeira delas.

ASSIM FALOU FREUD

Maio-junho de 1950

Texto: Anton Cwojdinski
Tradução: Brutus Pedreira
Direção: Ziembinski
Cenografia: Bassano Vaccarini
Cenotécnicos: Arquimedes e Walter Ribeiro
Iluminação: Nelson Duarte e Duilio di Pinto
Contrarregra: Pedro Petersen e Maury Lopes
Elenco: Ziembinski e Nely Rodrigues



Assim falou Freud foi a segunda peça de Ziembinski apresentada pela companhia desse diretor no TBC, e, assim como em *Adolescência*, praticamente não há registros sobre a obra, o autor polonês Cwojdinski (1896-1972) e a montagem.

O CAVALHEIRO DA LUA

Junho de 1950

Texto: Marcel Achard

Título original: *Jean de la lune*

Tradução: Oduvaldo Vianna

Direção: Ziembinski

Cenografia: Carlos Giacchieri

Direção de cena: Pedro Petersen

Elenco: Ziembinski, Joseph Guerreiro, Nely Rodrigues, Maurício Barroso e Célia Biar



Produção do TBC na qual Ziembinski, já contratado, incluiu dois intérpretes do elenco estável da companhia: Maurício Barroso e Célia Biar. Assim como os dois espetáculos anteriores dirigidos pelo polonês, essa comédia do francês Marcel Achard (1899-1974) teve repercussão restrita.

A IMPORTÂNCIA DE SER PRUDENTE

Julho de 1950

Texto: Oscar Wilde

Título original: *The Importance of Being Earnest*

Tradução: Guilherme de Almeida e
Werner Loewenberg

Direção: Luciano Salce

Cenografia: Bassano Vaccarini

Figurinos: Aldo Calvo

Maquiagem: Victor Merinov

Direção de cena: Pedro Petersen

Elenco: Waldemar Wey, Fredi Kleemann,
Sérgio Cardoso, Cacilda Becker, Nydia Licia,
Marina Freire, Elisabeth Henreid, A. C.
Carvalho e Glauco de Divitis

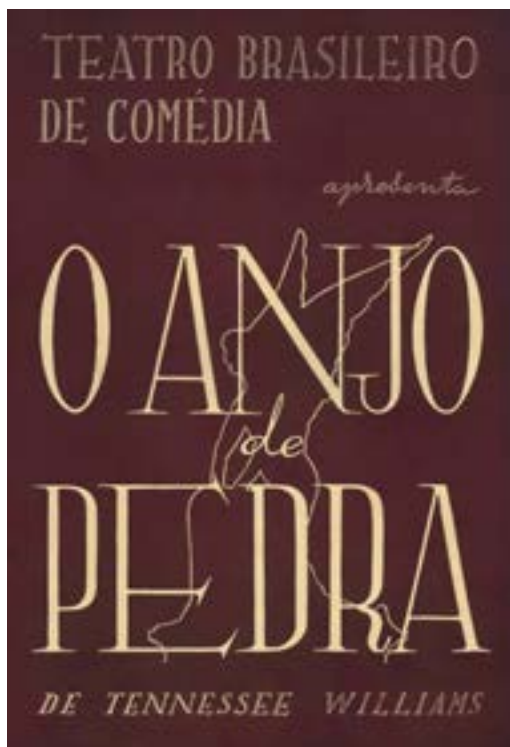


Primeira direção do romano Luciano Salce na companhia. Segundo o noticiário cultural da época, a fleuma e o humor britânicos não se deram muito bem com as características do elenco brasileiro dessa montagem, e o espetáculo não agradou nem o público nem a crítica. A peça teve 58 representações e atraiu apenas 12 mil espectadores, com média por sessão abaixo do esperado. O reconhecimento de Salce como grande encenador só se daria com a estreia seguinte da companhia: *O anjo de pedra*.

O ANJO DE PEDRA

Agosto de 1950

Texto: Tennessee Williams
Título original: *Summer and Smoke*
Tradução: Raymundo Magalhães Jr.
Direção: Luciano Salce
Assistente de direção: Sérgio Cardoso
Cenografia: Bassano Vaccarini
Supervisão técnica: Aldo Calvo
Músicas, arranjo e regência: Enrico Simonetti
Maquiagem: Victor Merinov
Direção de cena: Pedro Petersen
Elenco: Neli Patrício, Joseph Guerreiro, Ruy Affonso, Rachel Moacyr, Maurício Barroso, Frank Hollander, Margot Police, Glauco de Divitis, Cacilda Becker, Nydia Licia/Cleyde Yáconis, Elisabeth Henreid, Fredi Kleemann, Marina Freire, Cecília Machado, Victor Merinov, Waldemar Wey e Sérgio Cardoso



A temporada de 1950 aguardava outro espetáculo que aliasse o valor artístico ao sucesso de público, e *O anjo de pedra* cumpriu plenamente os dois quesitos. A peça de Tennessee Williams, que traz a história de Alma Winemiller, mais uma personagem icônica do autor, deu oportunidade a outra grande interpretação de Cacilda Becker, que desde *Entre quatro paredes* não tinha papel à altura de seu talento. A direção de Salce e a cenografia de Bassano Vaccarini também foram bastante elogiadas pela crítica.

A ficha técnica indica pela primeira vez a autoria de uma trilha sonora, agora assinada por Enrico Simonetti, maestro italiano que posteriormente faria sucesso em programas de televisão. Note-se também a presença de Sérgio Cardoso na assistência de direção, buscando aprimorar-se numa função que ele só veio a exercer plenamente quando formou sua própria companhia. Nesse espetáculo, Cardoso tinha uma pequena participação como ator, no final.

Cleyde Yáconis despontou como grande atriz nessa montagem. A irmã de Cacilda era responsável pelo guarda-roupa do teatro e substituiu Nydia Licia quando esta precisou ausentar-se para submeter-se a uma cirurgia.

TEATRO DA SEGUNDA-FEIRA

O HOMEM DA FLOR NA BOCA, LEMBRANÇAS DE BERTA e O BANQUETE

Setembro de 1950

Peça: O homem da flor na boca

Texto: Luigi Pirandello

Título original: *L'uomo dal fiore in bocca*

Tradução: Adacio Filho

Direção: Ziembinski

Assistente de direção: Sérgio Cardoso

Cenografia: Joseph Guerreiro

Maquiagem: Victor Merinov

Direção de cena: Pedro Petersen

Acompanhamento de violão: Inezita Barroso

Elenco: Sérgio Cardoso, Glauco de Divitis e
Marina Freire



Por iniciativa de Guilherme de Almeida (conselheiro literário da Sociedade Brasileira de Comédia) e de Luciano Salce, criou-se o Teatro da Segunda-feira, no dia normalmente dedicado ao descanso da companhia, descanso que no TBC parecia não existir, haja vista a dedicação e a entrega de todos para a realização dos trabalhos.

Foram eleitas três peças curtas, todas dirigidas por Ziembinski e com fichas técnicas semelhantes; e em todas novamente Sérgio Cardoso compareceu como assistente de direção. Esse repertório foi apresentado em quatro segundas-feiras, sempre com casas lotadas.

O texto de Luigi Pirandello (1867-1936) sobre um homem portador de câncer bucal rendeu grande interpretação de Sérgio Cardoso, que o manteria em repertório por quase toda a sua vida. A curiosidade fica por conta da presença de Inezita Barroso no acompanhamento de violão.

Peça: Lembranças de Berta

Texto: Tennessee Williams

Título original: *Hello from Bertha*

Tradução: Guilherme de Almeida

Direção: Ziembinski

Assistente de direção: Sérgio Cardoso

Cenografia: Bassano Vaccarini

Maquiagem: Victor Merinov

Direção de cena: Pedro Petersen

Elenco: Nydia Licia, Rachel Moacyr e Célia Biar

Berta é uma prostituta doente nessa peça em único ato do grande autor norte-americano, e a interpretação de Nydia Licia é recebida com muitos elogios. Dessa maneira, nesse mês de setembro, Tennessee Williams esteve presente no TBC em todos os dias da semana: *O anjo de pedra*, de terça a domingo, e *Lembranças de Berta*, às segundas-feiras.

Peça: O banquete

Texto: Lúcia Benedetti

Direção: Ziembinski

Assistente de direção: Sérgio Cardoso

Cenografia: Carlos Giacchieri

Maquiagem: Victor Merinov

Direção de cena: Pedro Petersen

Elenco: Marina Freire, Ziembinski e Elisabeth Henreid

Se o texto da dramaturga e escritora paulista Lúcia Benedetti (1914-1998) não alcançava a qualidade dos outros dois apresentados na série das segundas-feiras, a direção e as interpretações foram bastante elogiadas.

DO MUNDO NADA SE LEVA

Novembro de 1950

Texto: George Kaufman e Moss Hart
Título original: *You Can't Take It with You*
Tradução: M. L. Araújo Lima
Revisão da tradução: Ruy Affonso
Direção: Luciano Salce
Cenografia: Bassano Vaccarini
Supervisão de guarda-roupa: Cleyde Yáconis
Elenco: Célia Biar, Jurema Ranzani, Izabel Santos, Luís Calderaro, A. C. Carvalho, Fredi Kleemann, Milton Ribeiro, Ziembinski, Elisabeth Henreid, Carlos Vergueiro, Sérgio Cardoso, Ruy Affonso, Rachel Moacyr, Waldemar Wey, Marina Freire, Glauco de Divitis, Frank Hollander, Nydia Licia e Victor Merinov



Mais uma vez, um elenco numeroso, agora para contar a história de uma família maluca criada pelos dramaturgos norte-americanos George Kaufman (1889-1961) e Moss Hart (1904-61), tornada um êxito no cinema em 1938, com direção de Frank Capra. O sucesso do empreendimento deve-se à delicada direção de Salce, à cenografia de Vaccarini e ao elenco, no qual se destaca Ziembinski (caracterizado como o velho avô Martin Vanderhof), fechando um ano bastante profícuo da companhia, com dezesseis títulos apresentados. Na ficha técnica aparece pela primeira vez o nome de Cleyde Yáconis na função de supervisão de guarda-roupa, algo que ela já exercia há algum tempo, porém sem ser creditada.

TEATRO DA SEGUNDA-FEIRA

O INVENTOR DO CAVALO, PEGA FOGO e RACHEL

Dezembro de 1950

Segunda edição desse projeto, que apresentou outras três peças, uma delas tornada um marco não só do TBC, mas também da trajetória de Cacilda Becker: *Pega Fogo*.

Peça: O inventor do cavalo

Texto: Achille Campanile

Título original: *L'inventore del cavallo*

Tradução: A. C. Carvalho

Direção: Luciano Salce

Cenografia e figurinos: Sérgio Cardoso

Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro

Supervisão de guarda-roupa: Cleyde Yáconis

Maquiagem: Victor Merinov

Direção de cena: Pedro Petersen

Elenco: Carlos Vergueiro, Waldemar Wey,

Fredi Kleemann, Rachel Moacyr,

A. C. Carvalho, Sérgio Cardoso, Renato

Consorte, Haroldo Gregory, Frank

Hollander, Luís Calderaro e Nydia Licia



O italiano Achille Campanile (1899-1977) é filiado ao Teatro do Absurdo, e sua peça é uma farsa sobre a atuação dos acadêmicos. Um inventor apresenta-se à Academia para mostrar a sua mais nova invenção: o cavalo. Os acadêmicos são figuras insólitas, que permitiram interpretações também insólitas de todo o elenco, incluindo o Poeta Maledetto, criação de um Sérgio Cardoso com maquiagem esverdeada. Nesse espetáculo Sérgio também aventurou-se na criação do cenário e dos figurinos.

Peça: Pega Fogo

Texto: Jules Renard

Título original: *Poil de Carotte*

Tradução: Gustavo Nonnenberg

Direção: Ziembinski

Cenografia: Joseph Guerreiro

Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro

Maquiagem: Victor Merinov

Direção de cena: Pedro Petersen

Elenco: Ziembinski, Cacilda Becker, Wanda de Andrade Hammel e Cleyde Yáconis

Cacilda teve um dos melhores momentos de sua carreira ao interpretar Pega Fogo, menino magro, mal-amado e sempre descalço. Quem teve o privilégio de assistir a esse trabalho considera-o inesquecível e comenta que a atriz incorporava o menino tanto externa como interiormente. Alberto Guzik é categórico ao escrever que sua leitura do personagem tornou-se “lendária”. O texto de Jules Renard (1864-1910) coloca o personagem Poil de Carotte dialogando com seu pai, o Senhor Lepic, aqui interpretado por Ziembinski, também bastante elogiado por sua interpretação. Devido ao enorme sucesso, a peça voltou ao cartaz em 1953, já nos horários tradicionais do teatro, em dupla com *Relações internacionais*.

Peça: Rachel

Texto: Lourival Gomes Machado

Direção: Ziembinski

Cenografia e figurinos: Bassano Vaccarini

Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro

Supervisão de guarda-roupa: Cleyde Yáconis

Música e execução: Enrico Simonetti

Maquiagem: Victor Merinov

Direção de cena: Pedro Petersen

Elenco: Orlando Guy, Nydia Licia e Alec Wellington

As impressões de Nydia Licia sobre o espetáculo, com texto do importante sociólogo, crítico e historiador de arte paulista Lourival Gomes Machado, um dos criadores do Grupo Universitário de Teatro (GUT), na origem da fundação do TBC: “A peça, que revive um episódio narrado na Bíblia, é toda em tom declamatório, o que por si é uma chatice... O texto era pesado, a direção lenta e os trajes [pesados]... Nem a belíssima música composta por Simonetti e executada por ele ao vivo conseguiu melhorar a situação. Felizmente só fizemos quatro apresentações”. (*Eu vivi o TBC*).

PAIOL VELHO

Janeiro de 1951

Texto: Abílio Pereira de Almeida
Direção: Ziembinski
Cenografia: Bassano Vaccarini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Supervisão de guarda-roupa: Cleyde Yáconis
Direção de cena: Pedro Petersen
Elenco: Cacilda Becker, Carlos Vergueiro,
Zeni Pereira, Milton Ribeiro, Rachel Moacyr,
Maurício Barroso, A. C. Carvalho, Fredi
Kleemann, Glauco de Divitis e Eugênio
Kusnet



Sem dar trégua, a temporada de 1951 do TBC se inicia nos primeiros dias de janeiro, com o terceiro título de Abílio Pereira de Almeida montado pelo grupo, desta vez sob a direção de Ziembinski. No mesmo ano, o texto será adaptado para o cinema com o título *Terra é sempre terra*, na Vera Cruz, sem aproveitar ninguém da versão teatral.

A crítica ressaltou um relativo progresso na dramaturgia de Abílio e elogiou a cenografia do italo-brasileiro Bassano Vaccarini: “Nunca vimos, em palcos brasileiros, tanta veracidade, tanto cuidado com o pormenor”, palavras de Décio de Almeida Prado em *O Estado de S. Paulo*. O grande evento ligado a esse espetáculo é a estreia do russo Eugênio Kusnet (1898-1975) no teatro brasileiro. O divulgador do método Stanislávski no país já tinha 52 anos e, posteriormente, foi responsável por grandes momentos no próprio TBC, no Teatro de Arena e no Teatro Oficina.

SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR

Fevereiro de 1951

Texto: Luigi Pirandello

Título original: *Sei personaggi in cerca d'autore*

Tradução: Menotti del Picchia

Direção: Adolfo Celi

Cenografia: Bassano Vaccarini

Figurinos: Aldo Calvo

Guarda-roupa: Cleyde Yáconis

Maquiagem e cabeleiras: Victor Merinov

Direção de cena: Pedro Petersen

Elenco: Sérgio Cardoso, Rachel Moacyr,

Cacilda Becker, Carlos Vergueiro, Domingos

Diehl/Johan Hesseling, Ana Maria Diehl/

Ema Gschwendtner, Marina Freire, Paulo

Autran, Célia Biar, Maurício Barroso,

Elisabeth Henreid, Fredi Kleemann, Cleyde

Yáconis, Waldemar Wey, Maria Lúcia, Ruy

Affonso, Maria Augusta, Eugênio Kusnet,

Wanda Primo, Xandó Batista, Léo Villar, Pedro

Petersen, Sebastião Ribeiro, A. C. Carvalho,

José Renato, Arquimedes Ribeiro, Walter

Ribeiro, Zoraide Grego e Conrado João/

Nadir Gemelli



Envolvido com as atividades na Cia. Vera Cruz, Adolfo Celi estava ausente do TBC desde as direções de *Entre quatro paredes* e *O pedido de casamento* no início de 1950.

O texto de Pirandello, complexo para o público da época, utiliza linguagem metateatral e mistura realidade (o grupo de teatro) e ficção (a família de personagens). No entanto, a peça foi um enorme sucesso, vista por mais de 16 mil espectadores.

Os elogios foram unânimes para Cacilda Becker, como a enteada, e para Sérgio Cardoso, como o pai. Paulo Autran, que só havia trabalhado na companhia como amador em *A noite de 16 de janeiro*, retornou como profissional, no papel de diretor da companhia. Em ensaio reproduzido no livro *Apresentação do teatro brasileiro moderno*, Décio de Almeida Prado afirma que a peça “é um dos mais perfeitos, se não o mais perfeito espetáculo oferecido até hoje pelo TBC. No elenco, estreiam recém-formados na Escola de Arte Dramática (EAD): Xandó Batista, Léo Villar – que depois adotaria o nome Leonardo Villar – e José Renato, além de técnicos e da camareira do teatro exercendo as mesmas funções na peça dentro da peça.

CONVITE AO BAILE

Maio de 1951

Texto: Jean Anouilh

Título original: *L'invitation au chateau*

Tradução: Gilda de Mello e Souza

Direção: Luciano Salce

Assistente de direção: Evaristo Ribeiro

Cenografia: Bassano Vaccarini

Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro

Figurinos: Carlos Thirê

Costume de amazona: Noêmia Mourão

Supervisão de guarda-roupa: Cleyde Yáconis

Execução dos trajes femininos: Léo Villar

Execução dos trajes masculinos: A. Soares de Oliveira

Maquiagem e cabelos: Victor Merinov

Músicas: Ernst Viebig

Orquestra de câmara do TBC – Solistas:

Horácio Mendes Barbosa e A. P. Gobbi

Direção de cena: Pedro Petersen

Elenco: Eugênio Kusnet, Sérgio Cardoso,

Elisabeth Henreid, Cleyde Yáconis, Ruy

Affonso, Célia Biar, Rachel Moacyr, Waldemar

Wey, Ziembinski, Maria Lúcia e Nydia Lícia



A companhia anunciou com grande alarde este espetáculo como uma superprodução, e a ficha técnica e as fotos realizadas por Fredi Kleemann comprovam tal fato. Trata-se de mais uma *pièce rose* de Jean Anouilh, autor já montado na casa por grupo amador em 1948 (*O baile dos ladrões*). Texto sem maiores compromissos, que agradou o público mas fez a crítica torcer o nariz, até mesmo com cobranças ao TBC, como fez Décio de Almeida Prado em observação que fecha a sua crítica incluída no livro *Apresentação do teatro brasileiro moderno*: “Mas se o Teatro Brasileiro de Comédia, com encenações sucessivas como as de *Anjo de pedra*, *Pega Fogo*, *Paiol velho*, *Seis personagens...*, nos vem acostumando mal, tornando-nos sempre e sempre mais severos e exigentes, a culpa será nossa?”. A excelência do elenco, porém, foi mais uma vez comprovada, com destaque para Sérgio Cardoso a interpretar gêmeos.

O GRILLO DA LAREIRA

Entre junho e julho de 1951

Texto: Charles Dickens
Título original: *The Cricket on the Hearth*
Tradução: Brutus Pedreira
Adaptação: Brutus Pedreira e Ziembinski
Direção: Ziembinski
Assistente de direção: Rubens Petrilli de Aragão
Cenografia e figurinos: Bassano Vaccarini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Brinquedos: Walter Batelli e Rina Fogliotti
Maquiagem e cabeleiras: Victor Merinov
Direção de cena: Pedro Petersen
Solista de harpa: Lucila Greys
Elenco: Ruy Affonso, Elisabeth Henreid, Paulo Autran, Suzana Petersen, Fredi Kleemann, Waldemar Wey, Ziembinski, Nydia Licia, Cleyde Yáconis, Marina Freire, Maria Lúcia e José da Silva



Dessa vez, foi o público que não correspondeu a mais uma requintada produção, que recebeu elogios da crítica pela cenografia, pelos figurinos e pela maquiagem realizada por Victor Merinov: as fotos de Fredi Kleemann testemunham a impressionante caracterização de Ziembinski como o velho Tackleton (na ocasião o ator tinha apenas 43 anos). O elenco também recebeu elogios pela atuação na peça, com duração de mais de três horas, sem contar os intervalos.

Havia brinquedos de feltro confeccionados na oficina própria do TBC e até uma harpa em cena, mas isso também não foi suficiente para sustentar a temporada. O espetáculo foi retirado de cartaz antes do tempo previsto, obrigando a companhia a substituí-lo por um sucesso anterior: *Arsênico e alfazema*.

ARSÊNICO E ALFAZEMA

(REMONTAGEM)

Julho de 1951

Texto: Joseph Kesselring

Título original: *Arsenic and Old Lace*

Direção: Adolfo Celi

Cenógrafa: Noêmia

Supervisão da cenografia: Bassano Vaccarini

Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro

Supervisão de guarda-roupa: Cleyde Yáconis

Maquiagem e cabeleiras: Victor Merinov

Direção de cena: Pedro Petersen

Contrarregra: Sebastião Ribeiro

Elenco: Cacilda Becker, Sérgio Cardoso,

Ruy Affonso, Fredi Kleemann, Victor

Merinov, Marina Freire, Célia Biar, Maurício

Barroso, Luiz Linhares, Ziembinski, A. C.

Carvalho, Carlos Vergueiro, Paulo Autran e

Waldemar Wey.



Remontagem do sucesso de 1949, com consideráveis mudanças no elenco, que passa a contar com Sérgio Cardoso e, ainda, com Paulo Autran num pequeno papel. Marina Freire substitui Madalena Nicol no papel de uma das velhinhas da trama, mas a outra velhinha continua com Cacilda. Há um texto com o título de *A volta de Cacilda* no programa da peça, que registra: “Cacilda Becker havia se despedido, com *Pega Fogo*, do público do TBC, a fim de cumprir um contrato com a Cia. Cinematográfica Vera Cruz, para a qual deverá trabalhar no filme *Mormaço*. Sua determinação, todavia, teve de ser alterada. A necessidade imposta pelo público, de uma reprise de *Arsênico e alfazema*, forçou a incomparável atriz a modificar seus planos e voltar, por mais alguns dias, ao palco do Teatro Brasileiro de Comédia” .

Cacilda trabalhou de fato na Vera Cruz apenas em 1954, quando fez sua única participação na companhia, no filme *Floradas na serra*, e, ao que se sabe, *Mormaço* nunca foi realizado.

RALÉ

Agosto de 1951

Texto: Máximo Gorki
Tradução: Brutus Pedreira e Eugênio Kusnet
Direção: Flaminio Bollini Cerri
Assistente de direção: Rubens Petrilli de Aragão
Cenografia e figurinos: Túlio Costa
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Supervisão de guarda-roupa: Cleyde Yáconis
Música de cena: Oleg Kusnetzow
Maquiagem e cabeleiras: Victor Merinov
Direção de cena: Pedro Petersen
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Elenco: Ruy Affonso, Marina Freire, Waldemar Wey, Luiz Linhares, Nydia Licia, Cleyde Yáconis, Maurício Barroso, Sérgio Cardoso, Carlos Vergueiro, Paulo Autran, Elisabeth Henreid, Ziembinski, Maria Della Costa, Luís Calderaro, Victor Merinov, Fredi Kleemann, Pedro Petersen, Arquimedes Ribeiro, Sebastião Ribeiro, José Silva, Walter Ribeiro e Zoraide Grego



Mais uma vez é reunido um elenco “milionário”, que inclui a presença de Maria Della Costa, em sua única participação no TBC, sob a direção de mais um italiano contratado por Franco Zampari, o jovem de 27 anos Flaminio Bollini Cerri, que utilizou o método Stanislávski nos ensaios, causando estranheza no elenco, no início do processo. O crítico Yan Michalski ressalta sua importância: “De todos os diretores importados por Zampari, Bollini foi provavelmente o que realizou o menor número de espetáculos entre nós. Mas o radicalismo com que implantou novos processos de ensaios no TBC e o mérito de ter trazido Brecht aos palcos brasileiros valeram-lhe a reputação de ser, sob alguns aspectos, o mais moderno dos encenadores italianos que na mesma época vieram trabalhar em São Paulo”.

Após a frustrada *A ronda dos malandros*, foi a primeira vez que a companhia apresentou um espetáculo de conteúdo social e político. Máximo Gorki (1868-1936) coloca em cena os desvalidos, a ralé da sociedade. Para surpresa geral, a peça tornou-se grande sucesso de público, lotando as setenta apresentações (16 mil espectadores). A crítica foi unânime nos elogios.

HARVEY

Outubro de 1951

Texto: Mary Chase
Tradução: Raymundo Magalhães Jr.
Direção: Ziembinski
Cenografia: Bassano Vaccarini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Figurinos: Rubens Petrilli de Aragão
Guarda-roupa: Cleyde Yáconis
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Supervisão de contrarregra: Pedro Petersen
Elenco: Célia Biar, Marina Freire, Ziembinski,
Maria Augusta Costa Leite, Marisa Prado,
Luís Calderaro, Mário Sérgio, Waldemar
Wey, Wanda de Andrade, Luiz Linhares e
Milton Ribeiro



No equilíbrio entre peças “sérias” e comédias comerciais, o TBC estreia esta peça da autora norte-americana Mary Chase (1906-1981), com a história de um homem excêntrico (personagem de Ziembinski) que tem como amigo um coelho gigante e invisível chamado Harvey.

Ziembinski convocou para o elenco Marisa Prado e Mário Sérgio, intérpretes da Vera Cruz, em suas primeiras e únicas aparições teatrais. A peça foi representada 52 vezes, com fraco comparecimento de público (7 mil espectadores), apesar do sucesso mundial de sua versão cinematográfica norte-americana, com James Stewart (*Harvey*, 1950).

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Novembro de 1951

Texto: Alexandre Dumas Filho
Título original: *La Dame aux camélias*
Tradução: Gilda de Mello e Souza
Direção: Luciano Salce
Assistente de direção: Carlos Vergueiro
Cenografia e figurinos: Aldo Calvo
Cenotécnicos: Túlio Costa e Bassano Vaccarini
Execução dos vestidos de Cacilda Becker:
Léo Villar
Execução dos trajes femininos: Rina Fogliotti
Execução dos trajes masculinos: A. Soares
de Oliveira
Supervisão de guarda-roupa: Cleyde Yáconis
Música: Enrico Simonetti
Coreografia: Marília Franco
Maquiagem e cabeleiras: Victor Merinov
Direção de cena: Pedro Petersen
Eletricista-chefe: Joaquim Pesce
Elenco: Maurício Barroso, Paulo Autran, Carlos
Vergueiro, Benedito Corsi, Fredi Kleemann, Luiz
Linhares, Ruy Affonso, Luiz Calderaro/Léo Villar,
Rubens Costa, Ruy Cerqueira, Cacilda Becker,
Elisabeth Henreid, Labiby Mady, Maria Lúcia,
Cleyde Yáconis, Wanda Primo.
Na apresentação comemorativa do terceiro
aniversário do TBC, a 6 de novembro de 1951,
no Theatro Municipal de São Paulo: Orquestra
e Corpo de Baile do Theatro Municipal (Michele
Barbano, primeiro bailarino; e Lia Marques,
primeira bailarina).



Mais uma vez, uma superprodução que, segundo Franco Zampari, foi em parte responsável pela primeira crise financeira da companhia: "O sucesso financeiro [do ano 1951] não foi paralelo ao artístico, sendo mister recorrer a empréstimos bancários para sua manutenção, principalmente, para fazer face aos gastos efetuados com a peça *A dama das camélias*, cuja montagem foi de um custo elevadíssimo", segundo destacou um jornal. A estreia deu-se com toda a pompa no dia 6 de novembro, no Theatro Municipal de São Paulo, com cenários e figurinos de Aldo Calvo condizentes com o imenso palco do teatro.

A crítica não foi das mais favoráveis, provocando até comentários agressivos, como no texto de Miroel Silveira intitulado *A camélia caiu do galho*, publicado no livro *A outra crítica*: “Cacilda Becker faz o seu teatro encenar, a 132 cruzeiros a poltrona, os suspiros de um problema extinto, numa encenação que Salce deve ter feito com a melhor de suas más vontades, e ainda por cima traz para o palco, em papéis de certo destaque, elementos como Fredi Kleemann, que deveria urgentemente permanecer junto à sua máquina fotográfica”. Após as apresentações no Municipal, a peça de Alexandre Dumas Filho (1824-1895) seguiu para o Theatro Municipal do Rio de Janeiro em excursão da companhia, e ali também as críticas não foram boas.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Janeiro de 1952

A peça reestreado no teatro da rua Major Diogo, abrindo a temporada de 1952. Os cenários e os figurinos de Aldo Calvo tiveram de ser adaptados para o palco do TBC. A crítica apreciou a mudança, observando que a montagem perdera em suntuosidade, mas ganhara em peso dramático e na compreensão da trama de Dumas Filho. Mesmo com casa lotada em todas as sessões, a temporada foi interrompida antes de fevereiro, em função da saúde de Cacilda Becker.

DIÁLOGO DE SURDOS e RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Fevereiro de 1952

As peças estreiam em programa duplo no Teatro da Segunda-feira, mas, em virtude da retirada de cartaz de *A dama das camélias*, entram em temporada “normal”.

Peça: Diálogo de surdos

Texto: Clô Prado

Direção: Flaminio Bollini Cerri

Cenografia: Tulio Costa

Supervisão de cenário: Bassano Vaccarini

Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro

Guarda-roupa: Rina Fogliotti

Eletricista-chefe: Conrado João Fortuna

Direção de cena: Pedro Petersen

Contrarregra: Sebastião Ribeiro

Elenco: Cleyde Yáconis, Paulo Autran, Sérgio

Cardoso, Elisabeth Henreid e Maria Lúcia



A crítica não foi unânime em relação a esse texto de Clô Prado, “uma senhora da sociedade, muito inteligente e simpática”, segundo Nydia Licia. O texto trata, em dois atos, de conflitos familiares no seio da alta burguesia paulistana. Foi a segunda direção de Bollini Cerri para a companhia. A impecabilidade do guarda-roupa, criado por Rina Fogliotti, pode ser confirmada nas fotos de Fredi Kleemann. Cleyde Yáconis consolidou carreira como atriz, contracenando com os já consagrados Sérgio Cardoso e Paulo Autran.

Peça: Relações internacionais

Texto: Noel Coward

Título original: *Hands Across the Sea*

Tradução: Bibi Ferreira

Direção: Cacilda Becker

Cenografia: Ruy Affonso

Supervisão de cenário: Bassano Vaccarini

Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro

Guarda-roupa: Ruy Affonso

Execução dos trajes masculinos: A. Soares de Oliveira

Toilettes: Beatriz Biar

Chapéus: John & Kathleen

Eletricista-chefe: Conrado João Fortuna

Direção de cena: Pedro Petersen

Contrarregra: Sebastião Ribeiro

Elenco: Benedito Corsi, Célia Biar, Ruy Affonso, Maurício Barroso, Marina Freire, Waldemar Wey, Fredi Kleemann, Nydia Licia e Carlos Vergueiro

Cacilda Becker resolveu dirigir esse ato único de Noel Coward (1899-1973) com parte do elenco do TBC que não estava em cena em *Diálogo de surdos*, de Clô Prado. Ao final dos ensaios, Adolfo Celi assumiu a direção, devido à enfermidade de Cacilda. Parte da crítica questionou a direção de Cacilda e considerou a tradução de Bibi Ferreira ruim. “A comédia leve e de bom gosto era apresentada após o drama pesado *Diálogo*, fato que era um alívio para a plateia”, segundo Nydia Licia.

PARA ONDE A TERRA CRESCE

Março de 1952

Texto: Edgard da Rocha Miranda
Direção: Adolfo Celi
Cenografia: Bassano Vaccarini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Execução de guarda-roupa: Rina Fogliotti
Supervisão de guarda-roupa: Cleyde Yáconis
Eletricista-chefe: Conrado João Fortuna
Direção de cena: Pedro Petersen
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Elenco: Luiz Linhares, Benedito Corsi, Maria Lúcia, Paulo Autran, Marina Freire, Napoleão Assis, Luís Calderaro, Cleyde Yáconis, Carlos Vergueiro, Waldemar Wey e Maurício Barroso



A peça de Edgard Rocha Miranda (1912-2003) passa-se em ambiente rural. Trata-se do primeiro texto brasileiro dirigido por Adolfo Celi. Foi fracasso de público, permanecendo apenas duas semanas em cartaz, com exíguos 2,3 mil espectadores. Fracasso também segundo a crítica, que condenou o sotaque caipira do elenco, supostamente imposto pelo diretor, embora o texto tenha recebido prêmio Saci como o melhor do teatro em 1952.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Abril de 1952

Diante do fracasso de *Para onde a terra cresce*, e com o restabelecimento da saúde de Cacilda Becker, *A dama das camélias* volta ao cartaz, sempre atraindo grande público. A peça foi vista por mais de 27 mil espectadores, em cem apresentações nessa última temporada.

O MENTIROSO

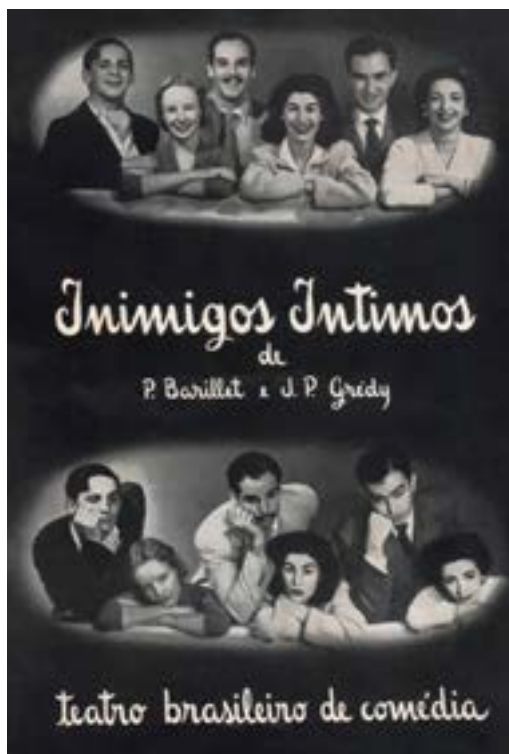
Abril de 1952

Ao final de abril de 1952 reestreia esse grande sucesso do final de 1949, com algumas alterações no elenco feminino.

INIMIGOS ÍNTIMOS

Maio de 1952

Texto: Pierre Barillet e J. P. Grédy
Título original: *Intime Conviction*
Tradução: Renato Alvim e Mário da Silva
Direção: Luciano Salce
Cenografia: Mauro Francini
Guarda-roupa: Rina Fogliotti
Direção de cena: Pedro Petersen
Elenco: Cacilda Becker, Maurício Barroso,
Sérgio Cardoso, Célia Biar, Ruy Affonso e
Elisabeth Henreid

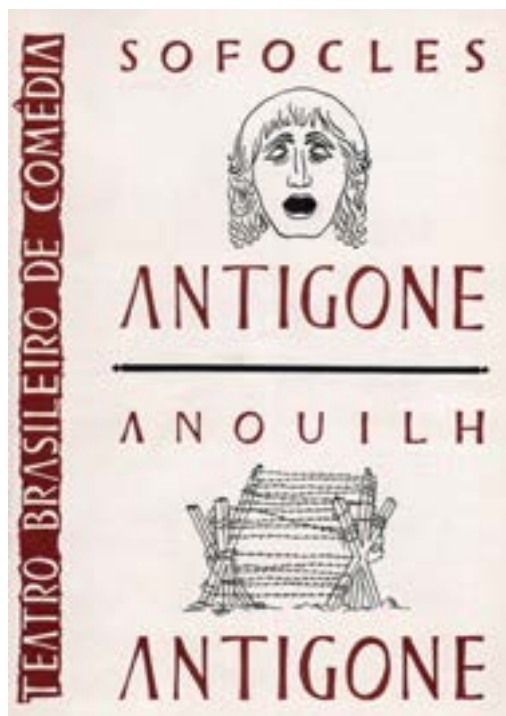


Esta peça foi ensaiada às pressas por Luciano Salce para estrear em substituição a duas versões de *Antígone*, cujas preparações estavam atrasadas. Na obra francesa sem maiores pretensões, da dupla Barillet (1923-2019) e Grédy (1920-2022), casais se entendem e se desentendem, em típica fórmula de comédia de *boulevard*. Os então jovens autores faziam muito sucesso em Paris e repetiram o êxito no TBC. Foram 98 apresentações, com 25 mil espectadores. A qualidade do elenco com certeza contribuiu para o sucesso da empreitada, e Mauro Francini, cenógrafo italiano, estreou no TBC nesse espetáculo.

ANTÍGONE (Sófocles) e ANTÍGONE (Jean Anouilh)

Agosto de 1952

Peça: Antígone
Texto: Sófocles
Tradução: Guilherme de Almeida
Direção: Adolfo Celi
Cenografia: Bassano Vaccarini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Iluminação: Conrado João Fortuna
Figurinos: Rina Fogliotti e Bassano Vaccarini
Autor das máscaras: Darcy Penteado
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Direção de cena: Pedro Petersen
Assistente: Sebastião Ribeiro
Elenco: Cacilda Becker, Elisabeth Henreid, Nydia Lícia, Paulo Autran, Luiz Linhares, Ziembinski, Sérgio Cardoso, Jaime Barcellos, Maurício Barroso, Carlos Vergueiro, Ruy Affonso, Fredi Kleemann, Luís Calderaro, Benedito Corsi, Rubens Costa, Léo Villar, Mário Gregori, José Karat Filho, Ana Balechi e Guiomar Olivastro



Considerado o mais importante da temporada de 1952, este espetáculo, de cerca de quatro horas de duração, reúne as visões da tragédia de Antígone de dois dramaturgos distantes no tempo quase dois milênios e meio: Sófocles (497 a.C.-406 a.C.) e Jean Anouilh (1910-1987).

Foram necessários seis meses de ensaio para a estreia, esforço plenamente recompensado e premiado em três categorias no recém-criado Prêmio Sacy, outorgado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*: direção (Celi), atriz (Cacilda) e ator (Paulo Autran), além de se registrar enorme sucesso de público (nove semanas em cartaz).

Esta é a primeira e única incursão do TBC na dramaturgia clássica grega. Segundo a imprensa à época, a direção de Celi foi rigorosa, com ótimo rendimento do elenco masculino. O coro de tebanos exigiu muitos ensaios com os grandes atores que o compunham. Pela primeira vez, a ficha técnica usa a palavra “iluminação” em lugar de “eletricista-chefe” para essa importante função, no caso exercida por Conrado João Fortuna. Importante, também, lembrar as máscaras criadas por Darcy Penteado e a caracterização (maquiagem e cabeleiras) assinada por Leontij Tymoszczenko.

Peça: Antígone
Texto: Jean Anouilh
Tradução: Bandeira Duarte
Direção: Adolfo Celi
Cenografia e figurinos: Aldo Calvo
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Iluminação: Conrado João Fortuna
Maquiagem e cabeleiras: Leontij
Tymoszczenko
Direção de cena: Pedro Petersen
Assistente: Sebastião Ribeiro
Elenco: Cacilda Becker, Elisabeth Henreid,
Nydia Licia, Marina Freire, Paulo Autran,
Luiz Linhares, Sérgio Cardoso, Jaime
Barcellos, Luís Calderaro, Benedito Corsi e
Maurício Barroso

A visão contemporânea da figura de Antígone do dramaturgo francês combate a ocupação nazista na França durante a Segunda Guerra Mundial. A peça não alcança a grandiosidade da sua homônima grega, mas funcionou no ano de 1952 ao ser apresentada em conjunto com a tragédia.

Em verdadeiro *tour de force*, alguns dos intérpretes viviam os mesmos personagens (Antígone, Ismene, Eurídice, Creon e Hemon) nas duas peças, durante as quatro horas de duração do espetáculo. Sérgio Cardoso interpretou papéis menores, como o mensageiro, nas duas peças.

VÁ COM DEUS

Outubro de 1952

Texto: John Murray e Allen Boretz
Título original: *Room Service*
Tradução: Werner Loewenberg e Carlos Vergueiro
Direção: Flaminio Bollini Cerri
Assistente de direção: Antunes Filho
Cenografia: Mauro Francini
Figurinos: Rina Fogliotti
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Iluminação: Conrado João Fontoura
Direção de cena: Pedro Petersen
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Elenco: Renato Consorte, Sérgio Cardoso, Jaime Barcellos/Waldemar Wey, Carlos Vergueiro, Josef Guerreiro, Cleyde Yáconis, Fredi Kleemann, Célia Biar, Ziembinski, A. C. Carvalho/Benedito Corsi, Ruy Affonso/Léo Villar, Rubens Costa, Luís Calderaro, Pedro Petersen e Arquimedes Ribeiro



Peça dos norte-americanos John Murray (1906-1984) e Allen Boretz (1900-1985), estreada com grande sucesso na Broadway em 1937. “Comedinha apresentada com a correção habitual, mas desprovida de maior significado”, sentenciou o crítico da revista *Anhembi* em seu balanço do ano teatral de 1952. No entanto, o espetáculo atraiu mais de 13 mil espectadores, em 72 apresentações.

Nesse período, o TBC teve seu primeiro grande desfalque no elenco estável: Nydia Lícia e Sérgio Cardoso abandonaram a companhia, sendo *Vá com Deus* o último trabalho de Sérgio como contratado (ele voltaria ao TBC como convidado, em 1954, em *Leonor de Mendonça*). Conforme Sylvia Cardoso Leão, filha de Nydia e Sérgio, a atriz ainda participou da reprise de *Relações internacionais*, em janeiro de 1953, e depois nunca mais atuou naquele palco.

A montagem marcou a estreia de Antunes Filho como assistente de direção. Em depoimento a J. C. Serroni, para o livro *Teatros: uma memória do espaço cênico no Brasil*, Antunes comenta que no início trabalhava quase como um *office boy*, até servindo café.

Um balanço do ano foi publicado no número 25 da revista *Dionysos*: “O TBC termina o ano com um quadro fixo de dezoito atores, quatro encenadores (Celi, Ziembinski, Salce e Bollini), um cenógrafo (Vaccarini), onze auxiliares e treze funcionários. E, apesar de todo o seu êxito artístico, com um déficit de Cr\$ 641.392,70”.

O MENTIROSO

Novembro de 1952

Remontagem do espetáculo que estreara exatamente três anos antes, com algumas alterações no elenco feminino e o mesmo sucesso de público.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS e PEGA FOGO

Fevereiro de 1953

A temporada de 1953 inicia com um programa duplo que inclui remontagens de sucessos de anos anteriores: *Relações internacionais* (1952) e *Pega Fogo* (1950), na qual Cacilda Becker continua a brilhar e fazer sucesso interpretando o garoto ruivo do título. Vinte mil pessoas compareceram às 88 apresentações, número significativo por se tratar de duas reprises.



DIVÓRCIO PARA TRÊS

Março de 1953

Texto: Victorien Sardou
Título original: *Divorçons!*
Tradução: Mário da Silva e Renato Alvim
Direção: Ziembinski
Assistente de direção: Antunes Filho
Cenografia e figurinos: Aldo Calvo
Execução dos trajes femininos: Rina Fogliotti
Execução dos trajes masculinos: A. Soares de Oliveira
Iluminação: Conrado João Fortuna
Direção de cena: Pedro Petersen
Elenco: Josef Guerreiro, Helena Barreto Leite, Sebastião Ribeiro, Ziembinski, Carlos Vergueiro, Cacilda Becker, Fredi Kleemann, Cleyde Yáconis, Maurício Barroso, Marina Freire, Célia Biar, Renato Consorte, Luiz Linhares, Benedito Corsi, Waldemar Wey, Arquimedes Ribeiro e José Silva



Após incursões em espetáculos “sérios”, Ziembinski arriscou dirigir esta comédia leve do dramaturgo francês Victorien Sardou (1831-1908) e saiu-se bem, segundo os críticos da época, que consideraram sua direção ágil, leve e superior ao texto. As interpretações de Cacilda e Ziembinski também foram elogiadas: “Uma aula de bem representar”, escreveu Miroel Silveira na *Folha da Tarde*.

Como a maioria dos espetáculos “comerciais” do repertório do TBC, este também fez enorme sucesso, com 102 representações vistas por mais de 30 mil espectadores. Alberto Guzik teria razão ao afirmar que “o TBC sabia a que público falava”. Depois de sair de cartaz, insistentes pedidos fizeram com que a peça voltasse ao palco da rua Major Diogo, adiando a estreia do espetáculo seguinte.

Antunes Filho, assistente de direção, prestou importante depoimento sobre o processo de trabalho de Ziembinski, em entrevista a Maria Lúcia Pereira, comentando que, naquele 1953, o polonês começou a dirigir *Senhora dos afogados*, de Nelson Rodrigues, mas a montagem não teria ido adiante, provavelmente, por imposições dos dirigentes da companhia.

NA TERRA COMO NO CÉU

Junho de 1953

Texto: Fritz Hochwälder
Título original: *Sur la terre comme au ciel*
Tradução: Brutus Pedreira
Direção: Ziembinski
Assistente de direção: Antunes Filho
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Figurinos: Aldo Calvo
Supervisão de guarda-roupa: Rina Fogliotti
Execução de costumes: Antonio Soares de Oliveira
Efeitos musicais: Enrico Simonetti
Iluminação: Conrado João Fortuna
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Direção de cena: Pedro Petersen
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Elenco: Ziembinski, Carlos Vergueiro, Angela M. Almeida, Walter Ribeiro, Maurício Barroso, Felipe Wagner, Alec Wellington, Renato Consorte, Paulo Autran, Fredi Kleemann, Luís Calderaro, Waldemar Wey, Xandô Batista, Ricardo Campos, Luciano Centofant, José Silva, Benedito Corsi, Pedro Petersen, Joaquim Mello, João Virgílio, Sebastião Ribeiro, Arquimedes Ribeiro, José Gazzaneo, Vicente Livrari, José Vaz Pereira, José Herculano, Geraldo dos Santos e Anibal Guimarães



A montagem do texto do dramaturgo austríaco Fritz Hochwälder (1911-1986), um drama histórico sobre missões jesuíticas na América do Sul, contou com mais de 25 atores, tendo apenas uma mulher no elenco, a desconhecida Angela M. Almeida, que atuou apenas essa vez no TBC. A peça foi um grande fracasso de público, acarretando considerável prejuízo financeiro.

Apesar de registrarem-se algumas desavenças com o diretor, há registros de que todo o elenco saiu-se muito bem, garantindo prêmios Governador do Estado para Ziembinski e Paulo Autran. A notar, também, a estreia do ator Felipe Wagner nos quadros da companhia.

UMA MULHER EM TRÊS ATOS

Junho de 1953

Texto: Vão Gogo (Millôr Fernandes)
Direção: Adolfo Celi
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Figurinos: Rina Fogliotti
Maquiagens: Leontij Tymoszczenko
Iluminação: Conrado João Fortuna
Direção de cena: Pedro Petersen
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Elenco: Ludy Veloso e Armando Couto



Com o fracasso de *Na terra como no céu*, a direção do TBC resolve colocar em carreira normal uma peça que estava em cartaz no Teatro da Segunda-feira. Trata-se de uma comédia de Millôr Fernandes (aqui com o pseudônimo de Vão Gogo), com Armando Couto e Ludy Veloso, artistas cariocas alheios ao elenco do TBC, mas com direção de Adolfo Celi e utilizando a equipe técnica da companhia. Apesar do forte apelo popular, não foi um sucesso, limitando-se a 42 apresentações, com público estimado de 8 mil espectadores (média inferior a duzentos por sessão).

TREZE À MESA

Julho de 1953

Texto: Marc-Gilbert Sauvajon
Título original: *Treize à table*
Tradução: Bandeira Duarte e Renato Alvim
Direção: Ruggero Jacobbi
Assistente de direção: Antunes Filho
Cenografia: Mauro Francini
Painéis decorativos: Clara Hetenyi
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Figurinos: Rina Fogliotti
Iluminação: Conrado João Fortuna
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Direção de cena: Pedro Petersen
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Elenco: Paulo Autran, Luiz Linhares, Célia Biar, Waldemar Wey, Cleyde Yáconis, Monah Delacy, Fredi Kleemann e Benedito Corsi



Mais uma comédia ligeira para o repertório do TBC, pois os fracassos dos últimos empreendimentos precisavam ser compensados. A companhia recorreu novamente a uma obra de Marc-Gilbert Sauvajon (1909-1985), autor que já fora sucesso em 1950, com *Os filhos de Eduardo*. O superelenco defendeu a trama ingênua, em torno de um anfitrião que teme ter treze pessoas à mesa de jantar. A direção foi assinada por Ruggero Jacobbi; e sua volta ao TBC deveu-se à interrupção de um projeto cinematográfico na Vera Cruz para o qual estava contratado.

Foram apresentadas 62 sessões, para cerca de 15 mil espectadores. Trata-se da última assistência de direção de Antunes Filho no TBC, onde muito aprendeu com Flaminio Bollini Cerri (*Vá com Deus*, 1952), Ziembinski (*Divórcio para três*, 1953), Luciano Salce (*Na terra como no céu*, 1953) e com o próprio Jacobbi. Nesse mesmo ano, ele estrearia na direção profissional com *Week-end*, de Noel Coward, para a Cia. Nicette Bruno.

A DESCONHECIDA DE ARRAS

Agosto de 1953

Texto: Armand Salacrou
Título original: *L'inconnue d'Arras*
Direção: Ruggero Jacobbi
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Iluminação: Anibal Guimarães
Direção de cena: Pedro Petersen
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Elenco: Xandó Batista, Eny Autran, Ítalo Rossi, Wanda Hammel, Dinã Mezzomo, Monah Delacy, Francisco Arisa, Felipe Wagner, Josef Guerreiro, Rubens Costa, Walmor Chagas, Lea Camargo e Alberto Maduar



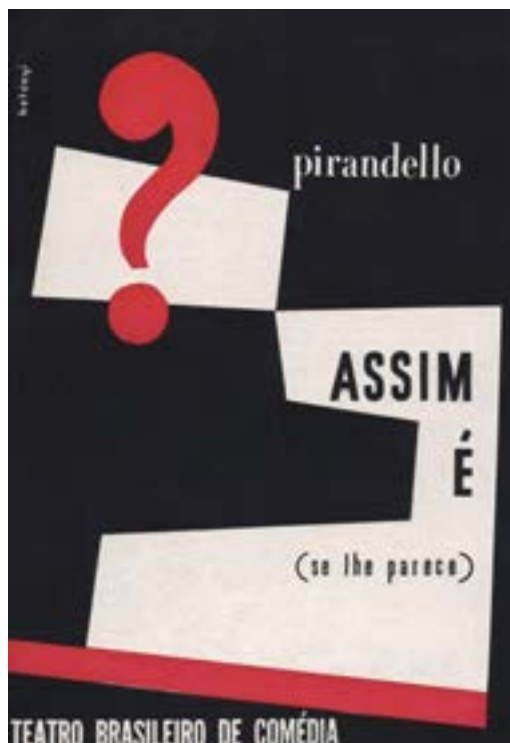
Ruggero Jacobbi apresentou, logo após *Treze à mesa*, uma obra de valor artístico indiscutível: *A desconhecida de Arras*, do dramaturgo francês Armand Salacrou (1899-1989). A peça dava início a um ambicioso projeto, que não foi adiante, intitulado Teatro de Vanguarda, apresentado às segundas-feiras. Foi sua derradeira participação no TBC.

Astros e estrelas da companhia não estavam presentes no elenco, que contou com as estreias de Ítalo Rossi, Walmor Chagas e Eny Autran (irmã de Paulo Autran). O ator Rubens Costa posteriormente mudou o nome artístico para Rubens de Falco. Foi apresentada apenas nas cinco segundas-feiras de agosto de 1953. O programa dedicava mais da metade de suas páginas a notícias da Vera Cruz, que já passava por grave crise financeira, omitida no noticiário. O programa também anunciava os lançamentos seguintes do Teatro de Vanguarda, dirigido por Jacobbi, mas eles nunca aconteceram.

ASSIM É... (SE LHE PARECE)

Setembro de 1953

Texto: Luigi Pirandello
Título original: *Così è (se vi pare)*
Tradução: Brutus Pedreira
Direção: Adolfo Celi
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Supervisão de guarda-roupa: Rina Fogliotti
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Direção de cena: Pedro Petersen
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Elenco: Waldemar Wey, Dina Lisboa, Monah Delacy, Benedito Corsi, Eny Autran, Rachel Moacyr, Fredi Kleemann, Luiz Linhares, Cleyde Yáconis, Paulo Autran, Maria Augusta, Renato Consorte, Pedro Petersen, Luís Calderaro e Lea Surian



Pirandello voltou a brilhar nos palcos do TBC, novamente com Adolfo Celi na direção. O resultado foi um alento para a companhia, que vinha colecionando fracassos artísticos e poucos sucessos comerciais. A peça ganhou elogios da crítica e atraiu mais de 18 mil espectadores às suas 71 apresentações. Era anunciada como *A verdade de cada um*, mas já na estreia teve seu título alterado para algo mais próximo do título em italiano.

O elenco permanente preencheu o palco para narrar como as atitudes do Sr. Ponza (Paulo Autran) e da Sra. Frola (Cleyde Yáconis, uma jovem de 30 anos interpretando uma idosa de 80 anos) alteram a vida de uma pequena comunidade italiana que insiste em procurar a verdade. Mas onde está a verdade?

O programa traz material sobre Pirandello, suas obras e seus intérpretes. A euforia pelo sucesso foi, em parte, eclipsada pela situação pela qual passava a Cia. Cinematográfica Vera Cruz, que cerrava as portas de seus estúdios em São Bernardo do Campo, pressionada por dificuldades econômicas.

SE EU QUISESSE

Novembro de 1953

Texto: Paul Géraldy e Robert Spitzer

Título original: *Si je voulais*

Tradução: Celso Kelly

Direção: Ziembinski

Cenografia: João Maria dos Santos

Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro

Guarda-roupa: Rina Fogliotti

Iluminação: Aníbal Guimarães

Direção de cena: Pedro Petersen

Contrarregra: Sebastião Ribeiro

Elenco: Cleyde Yáconis, Paulo Autran,

Ziembinski, Benedito Corsi, Célia Biar,

Celeste Jardim e Fredi Kleemann



Mais uma comédia comercial francesa para o repertório do TBC – texto a quatro mãos, por Paul Géraldy e Robert Spitzer, que não deixou marcas na história do teatro –, só que dessa vez sem o sucesso esperado para esse tipo de peça. Foram apenas 45 sessões, para cerca de 7 mil espectadores, ou seja, média de pouco mais de 150 por sessão. Ziembinski voltou a dirigir um espetáculo alheio a seu estilo. É elogiado como intérprete do primeiro papel masculino, mas criticado por Miroel Silveira por sua direção “discutível”.

UMA CERTA CABANA

Dezembro de 1953

Texto: André Roussin
Título original: *La Petite hutte*
Tradução: Brício de Abreu
Direção: Adolfo Celi
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Figurinos: Aldo Calvo
Execução de figurinos: Rina Fogliotti
Chapêus: Isotta
Iluminação: Anibal Guimarães
Direção de cena: Pedro Petersen
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Elenco: Maurício Barroso, Tônia Carrero,
Paulo Autran e Luciano Pessoa



Neste espetáculo está a gênese da futura companhia Tônia-Celi-Autran. Tônia Carrero, que já era contratada da companhia desde 1951, mas tinha atuado apenas na Vera Cruz, estreia no TBC nesta comédia do dramaturgo francês André Roussin (1911-87), dirigida por Adolfo Celi e acompanhada no elenco por Paulo Autran, além de Maurício Barroso e Luciano Pessoa num pequeno papel.

Comédia bem estruturada e com soluções cênicas engenhosas, envolvendo um triângulo amoroso numa ilha deserta, mas “um pouco fútil, um pouco sem assunto, um pouco tola”, registrou Décio de Almeida Prado ao final de sua crítica. Fez muito sucesso em suas 109 apresentações até janeiro de 1954, atraindo cerca de 28 mil espectadores (média de 257 por sessão). Após sair de cartaz no TBC, seguiu para o hoje extinto Teatro Leopoldo Fróes, onde completou sua carreira vitoriosa.

LEITO NUPCIAL

Fevereiro de 1954

Texto: Jan de Hartog
Título original: *The Fourposter*
Tradução: Raymundo Magalhães Jr.
Direção: Luciano Salce
Assistente de direção: Benedito Corsi
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Figurinos: Clara Hetenyi
Execução dos trajes femininos: Rina Fogliotti
Execução dos trajes masculinos: Antônio Soares de Oliveira
Chapêus: Isotta
Cabeleireiros: Eric Rzepecki e Leontij Tymoszczenko
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Iluminação: Aníbal Guimarães Filho
Direção de cena: Pedro Petersen
Assistente de direção de cena: Eduardo Santiago
Elenco: Cacilda Becker e Jardel Filho



Com o final das filmagens de *Floradas na serra*, Cacilda Becker volta ao palco do TBC e traz consigo Jardel Filho, seu par romântico no filme. A estratégia do TBC pode ter sido alavancar o interesse pelo filme da Cia. Vera Cruz (que estrearia em outubro de 1954). Cacilda e Jardel são os únicos intérpretes na obra do dramaturgo holandês Jan de Hartog (1914-2002), mostrando o cotidiano de um casal em várias fases de suas vidas. O resultado de bilheteria foi abaixo do esperado, com 13 mil espectadores em 58 apresentações. Segundo a crítica paulistana, Cacilda mais uma vez deu provas de seu virtuosismo e Jardel não desapontou.

TEATRO DA SEGUNDA-FEIRA

TRÊS PEÇAS EM UM ATO

Março de 1954

Peça: *Ways and Means* (Meios e soluções)

Autor: Noel Coward

Direção: Alec Wellington

Produção: Sociedade de Artistas Amadores de São Paulo

Elenco: Elaine Benes, Tommy Cammiade, Hans Bloch, Rodney Govier, Ethel Treacher, Dorothy Kirk, Elizabeth Forgach, Peter Guy



Para compor suas temporadas, o TBC volta a recorrer à Sociedade de Artistas Amadores de São Paulo – a representar textos ingleses na língua original, com extenso elenco –, dessa vez para as ditas “noites experimentais” das segundas-feiras. Segundo o programa, a primeira obra de “Três peças em um ato” é esta comédia sofisticada em três cenas, de Sir Noel Coward, passada em ambiente refinado, “na residência dos Lloyd-Ransomes, Ville Zephyre, na Côte D’Azur”.

**Peça: *Two Gentleman of Soho*
(Dois gentis-homens do Soho)**

Autor: A. P. Herbert

Direção: Gerald Stevens

Produção: Sociedade de Artistas

Amadores de São Paulo

Elenco: Anita Heymann, Philip Donovan,

Geoffrey Bennett, Mary Ann Bennett,

Grevile Mee, Roddy Govier, Christina

Wellington e Michel Smith

Piano: Rex Davies

A peça do dramaturgo, humorista e advogado britânico Sir Alan Patrick Herbert (1890-1971) transcorre na Jungle Spot (“Cova da Onça”), uma boate no bairro do Soho, em Londres, “logo após uma guerra mundial qualquer”, segundo o programa.

**Peça: *Hands Across the Sea*
(Amigos d'além mar)**

Autor: Noel Coward

Direção: Alec Wellington

Direção de cena: Pedro Petersen

Cenários: Mauro Francini

Produção: Sociedade de Artistas Amadores
de São Paulo

Elenco: Haydée Bittencourt, Mary Rees,

Rex Davies, Michael Smith, Alec Wellington,

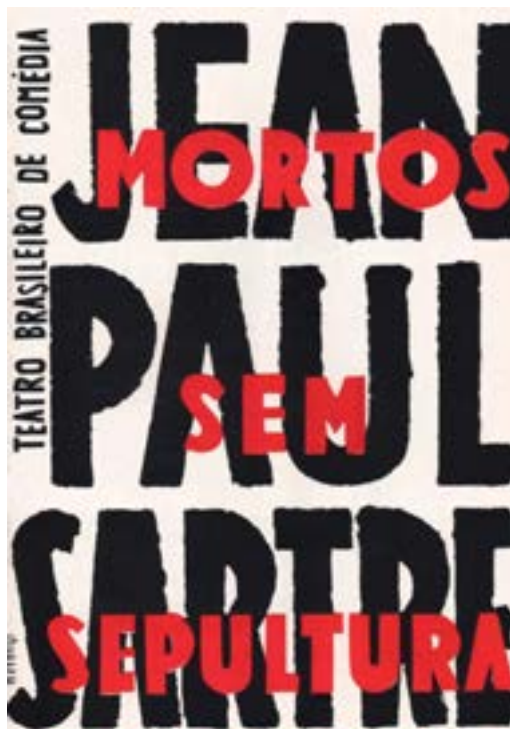
Philip Donovan, Doris Maison e Peter Maison

Junto aos amadores ingleses, atuou nessa peça a atriz paulistana Haydée Bittencourt (1921-2014), formada em Londres, na Royal Academic of Dramatic Art. Para os cenários, contribuiu um nome importante no TBC: o cenógrafo italiano Mauro Francini. A ação passa-se “no apartamento dos Gilpins, em Londres”.

MORTOS SEM SEPULTURA

Abril de 1954

Texto: Jean-Paul Sartre
Título original: *Morts sans sépulture*
Tradução: Heldom Barroso
Direção: Flaminio Bollini Cerri
Assistente de direção: Luiz Linhares
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Guarda-roupa: Rina Fogliotti
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Direção de cena: Pedro Petersen
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Elenco: Benedito Corsi, Josef Guerreiro, Ziembski, Cleyde Yáconis, Fredi Kleemann, José Vitiello, Maurício Barroso, Paulo Autran, Waldemar Wey, Luiz Linhares e Luís Calderaro



O “elenco permanente” volta ao palco do TBC para interpretar mais uma obra de Jean-Paul Sartre (1905-1980), dessa vez com repercussão negativa entre os críticos. Alberto Guzik é categórico ao afirmar que “o excesso de melodramaticidade torna pesado, quase indigesto, o texto sobre a Resistência”.

Miroel Silveira, bastante presente nas críticas dessa fase do teatro paulistano, argumenta que “a montagem desta peça revela a falta de orientação de que se ressentia ultimamente a direção do TBC” e, mais adiante, escreve: “Parece não estar dando bom resultado o sistema de cada diretor escolher a peça que vai dirigir, sem que haja uma linha mestra no repertório, traçada em conjunto”. Essa falta de curadoria talvez se devesse à ausência do diretor artístico Adolfo Celi, que dividia seu tempo entre o TBC e a Vera Cruz.

Apesar das restrições ao texto, a direção de Bollini Cerri e a atuação do elenco foram bastante elogiadas. Em suas 34 apresentações compareceram apenas 4 mil espectadores: cerca de 120 por sessão, uma das menores médias da companhia.

TEATRO DA SEGUNDA-FEIRA

UM PEDIDO DE CASAMENTO e UM DIA FELIZ

Maio de 1954

Peça: Um pedido de casamento

Texto: Anton Tchekhov

Tradução: Victor Merinov

Direção: Ziembinski

Cenografia: Bassano Vaccarini e Carlos Giacchieri

Figurinos: Aldo Calvo

Elenco: Luís Calderaro, Benedito Corsi e

Cleyde Yáconis



Remontagem do texto do russo Anton Tchekhov (1860-1904), dessa vez com direção de Ziembinski e novo elenco. O cenário e os figurinos permaneceram os mesmos da montagem original de 1950. É apresentada no Teatro da Segunda-feira, em dupla com *Um dia feliz*.

Peça: Um dia feliz

Autor: Émile Mazaud

Tradução: Mário da Silva e Brutus Pedreira

Direção: Ziembinski

Elenco: Ziembinski, Luís Calderaro, Fredi

Kleemann, Cleyde Yáconis e Pedro Petersen

Há poucas informações sobre essa montagem do texto do dramaturgo francês Émile Mazaud (1884-1970). Junto com *Um pedido de casamento*, foi a última atração do Teatro da Segunda-feira, que encerrou sua trajetória sem cumprir plenamente o objetivo de trazer peças experimentais para o repertório da companhia. Foram 18 espetáculos, assistidos por menos de 2 mil pessoas.

UMA MULHER DO OUTRO MUNDO

Maio de 1954

Texto: Noel Coward
Título original: *Blithe Spirit*
Tradução: Carlos Lage
Direção: Adolfo Celi
Assistente de direção: Benedito Corsi
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Figurinos de Tônia Carrero: Clara Hetenyi
Execução de figurinos de Tônia Carrero: Rina Fogliotti
Desenho e execução de figurinos de Célia Biar: Beatriz Biar
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko e Eric Rzepecki
Iluminação: Aparecido André
Direção de cena: Pedro Petersen
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Elenco: Célia Biar, Carla Nell, Paulo Autran, Waldemar Wey, Dina Lisboa, Marina Freire e Tônia Carrero



O “espírito alegre” do título original da peça do dramaturgo britânico Noel Coward (1899-1973) é o de Elvira, uma falecida que volta à terra para interferir na vida do ex-marido e de sua nova esposa. Elvira volta por obra da médium Madame Arcati. A crítica teceu muitos elogios às interpretações de Tônia Carrero (Elvira) e Marina Freire (Madame Arcati), mas um dos textos acrescentou que “a comédia diverte o público sem obrigá-lo a pensar”. A montagem não alcançou o sucesso esperado, atraindo 16 mil espectadores em setenta apresentações (média de 229 por sessão).

...E O NOROESTE SOPROU

Julho de 1954

Texto: Edgard da Rocha Miranda
Direção: Ziembinski
Assistente de direção: Luiz Linhares
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Música: Enrico Simonetti
Iluminação: Aparecido André
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Direção de cena: Pedro Petersen
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Elenco: Josef Guerreiro, Benedito Corsi, Luís Calderaro, Felipe Wagner, Henricão, Luiz Linhares, Mário Sérgio, Rosires Rodrigues, Waldemar Wey, Luiza Sampaio, Ziembinski, Fredi Kleemann, Teotônio P. da Silva e Paulo Autran



Após o fracasso de *Para onde a terra cresce* em 1952, a escolha de outra obra de Edgard da Rocha Miranda (1902-2003) ambientada na zona rural talvez se justificasse pelo fato de a peça ter sido premiada pela Comissão do IV Centenário de São Paulo e a montagem ser por ela subvencionada. Outra razão poderia ser a forte relação de amizade do autor com a diretoria do TBC. Porém, a montagem do texto de Rocha Miranda alcançou não mais que 3 mil espectadores em suas 29 apresentações.

A ficha técnica, como sempre impecável, indica mais uma vez Mauro Francini como cenógrafo, com os comentários musicais assinados por Enrico Simonetti. No elenco, a curiosidade é a presença de um ator negro (Henricão) pela primeira vez no palco do TBC. Henricão havia atuado com certo destaque no filme *Sinhá moça*, da Vera Cruz, no ano anterior. A distância entre os universos rural (retratado na peça) e urbano (aquele dos artistas do TBC) também causou estranheza: “Até dois profissionais do nível de Ziembinski e Paulo Autran afiguraram-se fora de foco com relação às personagens que encarnam, e interpretam os papéis de sacerdotes sem revelar a menor sensibilidade, e muito menos identificação” (crítica na revista *Anhembi*, sem crédito de autoria).

LEONOR DE MENDONÇA

Agosto de 1954

Texto: Gonçalves Dias
Direção: Adolfo Celi
Assistente de direção: Benedito Corsi
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Figurinos: Clara Hetenyi
Execução de trajes femininos: Rina Fogliotti
Execução de trajes masculinos: Antônio Soares de Oliveira
Supervisão de guarda-roupa: Rina Fogliotti
Cabeleiras e maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Direção de cena: Pedro Petersen
Contrarregra: Sebastião Ribeiro
Elenco: Beyla Genauer, Cleyde Yáconis, Sérgio Cardoso, Paulo Autran, Raymundo Duprat, Leonardo Villar, Luiz Linhares, Waldemar Wey, Henricão, Rubens de O. Silva, Alberto Nuzzo, Arquimedes Ribeiro e José Silva



“Espetáculo primoroso” a partir de “obra-prima do romantismo brasileiro”, escreveu Sábato Magaldi sobre esta montagem da tragédia de Gonçalves Dias (1823-1864), ambientada em 1512 e dirigida por Adolfo Celi. É bem conhecida a história da peça, que trata do assassinato da protagonista Leonor de Mendonça por seu marido Dom Jaime, por suspeita de adultério com o jovem Antônio Alcoforado.

O trio central de personagens recebeu elogiadas interpretações de Cleyde Yáconis (Leonor), Paulo Autran (Dom Jaime) e Sérgio Cardoso (Antônio), que voltou ao palco do TBC como convidado. Leonardo Villar também voltou ao TBC, dessa vez interpretando o pai do personagem de Sérgio Cardoso, Afonso Pires Alcoforado. Apesar da requintada e elogiada produção – subsidiada pela comissão organizadora dos festejos do IV Centenário de São Paulo –, a peça não logrou grande sucesso, limitando-se a 29 representações e atingindo pouco mais de 3 mil espectadores.

NEGÓCIOS DE ESTADO

Setembro de 1954

Texto: Louis Verneuil
Título original: *Affairs of State*
Tradução: R. Magalhães Jr.
Direção: Ziembinski
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Walter Ribeiro
Figurinos de Tônia Carrero e Margarida Rey; José Nunes
Execução de figurinos: Beatriz Biar e Rina Fogliotti
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Eletricista: Aparecido André
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Ziembinski, Vicente Livrari, Margarida Rey, Jardel Filho, Tônia Carrero e Josef Guerreiro



Mais uma vez recorre-se a uma comédia francesa para tentar compensar os sucessivos fracassos do ano, e dessa vez a fórmula parece ter dado certo: são cerca de 15 mil espectadores em 78 apresentações.

A crítica mais uma vez torce o nariz para esse tipo de escolha, classificando a peça de “comédia bastante insossa” e afirmando: “Não percebemos por que razão artistas como os do TBC perdem o tempo encenando obras desse gênero... Um teatro que divirta, sim. Mas que seja menos banal que este” (Revista *Anhembi*, na qual colaborava a crítica e atriz Maria José de Carvalho).

Negócios de Estado foi a primeira peça que Louis Verneuil (1893-1952) escreveu em inglês, porém são mantidas as características francesas próprias do autor. A direção de Ziembinski e o elenco recebem os costumeiros elogios da crítica. Nessa ocasião, parte da equipe do TBC passa a ocupar o Teatro Ginástico no Rio de Janeiro, no qual são reencenadas em programa duplo as peças *Um pedido de casamento*, de Tchekhov, e *Antígone*, de Jean Anouilh, com os elencos originais das estreias em São Paulo.

CANDIDA

Novembro de 1954

Texto: Bernard Shaw
Tradução: João Távora
Direção: Ziembinski
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Walter Ribeiro
Figurinos: Clara Hetenyi
Execução de figurinos: Pierina Ponzi e Antônio Soares
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Eletricista: Aparecido André
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Jardel Filho, Margarida Rey, Armando Paschoal, Luís Calderaro, Tônia Carrero e Josef Guerreiro



O conceituado escritor e dramaturgo irlandês George Bernard Shaw (1856-1950) é encenado pela primeira vez no palco do TBC, com a comédia *Candida*, dirigida por Ziembinski.

Tônia Carrero interpretou a personagem-título, dividindo a cena com Jardel Filho (seu marido, reverendo Morell) e Josef Guerreiro (o poeta Marchbanks). O triângulo criado por Shaw vai além dos relacionamentos superficiais típicos das comédias de *boulevard* e, assim, a peça revelava “extraordinária sutileza, comicidade requintada e teatral” (conforme pesquisas de Alberto Guzik.).

ASSASSINATO A DOMICÍLIO

Dezembro de 1954

Texto: Frederic Knott
Título original: *Dial M for Murder*
Tradução: Não indicada
Direção: Adolfo Celi
Assistente de direção: Armando Paschoal
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: José Silva
Figurinos femininos: Celeste Castilho Veber
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Eletricista: Aparecido André
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Cleyde Yáconis, Fredi Kleemann, Jardel Filho, Walmor Chagas, Waldemar Wey e Leontij Tymoszczenko



O suspense do autor inglês Frederic Knott (1916-2002) estreia no TBC quase simultaneamente com o filme de Alfred Hitchcock (*Disque M para Matar*). Cleyde Yáconis encarrega-se do papel da esposa rica que o marido (Jardel Filho) pretende assassinar, contratando um profissional para tal. Com esse espetáculo, Walmor Chagas, que já havia participado como convidado em *A desconhecida de Arras*, passa a integrar o elenco permanente do TBC.

SANTA MARTA FABRIL S.A.

Março de 1955

Texto: Abílio Pereira de Almeida
Direção: Adolfo Celi
Assistente de direção: Armando Paschoal
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Figurinos: Darcy Penteado
Execução dos trajes femininos: Maria Penteado
Execução dos trajes masculinos: Odilon Nogueira
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Eletricista: Aparecido André
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Cleyde Yáconis, Margarida Rey, Célia Biar, Fredi Kleemann, Dina Lisboa, Leonardo Villar, Walmor Chagas, Vera Lúcia Alcazar, Waldemar Wey, Odete Lara e Elisabeth Henreid



Novamente Abílio Pereira de Almeida é convocado para reverter a onda de sucessivos fracassos do ano anterior com esta peça, que alcançou em São Paulo 42 mil espectadores, em 150 apresentações (média de 280 espectadores por sessão).

Apresentada também no Rio de Janeiro, com outro elenco, a partir do mês de julho, fez sucesso ainda maior, e em 204 sessões teve quase 70 mil espectadores (média de 343 por sessão). A crítica paulista fez restrições, mas concordou tratar-se de evolução na dramaturgia do autor. A peça conta, em três atos, a história de uma família de industriais da burguesia paulista, posicionada segundo seus interesses diante da política do país, de 1926 a 1948. Gerou polêmica entre os frequentadores do TBC, e isso alavancou o interesse por ela. A julgar pelas fotos de cena, foram muito sugestivos os figurinos criados por Darcy Penteado para os três períodos em que se passa a ação.

Odete Lara fez uma rara aparição no palco do TBC num papel menor, e brilharia no ano seguinte em outra peça de Abílio (*Moral em concordata*), porém na Cia. Maria Della Costa. Mais uma vez, o desempenho de Cleyde Yáconis foi considerado excelente pela crítica.

Esta foi a última direção de Celi para o TBC, uma vez que, no mês de agosto, ele, Tônia Carrero e Paulo Autran desligam-se para criar a Cia. Tônia-Celi-Autran, sediada no Rio de Janeiro. A temporada foi interrompida por alguns dias devido a um incêndio ocorrido no edifício da rua Major Diogo. O fogo destruiu os cenários da peça *Volpone*, então em fase de ensaios.

TEATRO DA SEGUNDA-FEIRA

LOVE IN IDLENESS

Março de 1955

Autor: Terence Rattigan
Direção: Christina Wellington
Cenários: Mauro Francini
Produção: Sociedade de Artistas Amadores de São Paulo
Elenco: Mary Rees, Ethel Treacher, Audrey Cammiade, Alec Wellington, Tommy Camiade, Elaine Benes, Christina Wellington



Encenada em inglês pela Sociedade de Artistas Amadores de São Paulo, mas divulgada também com o título *Amor em férias*, a peça do inglês Terence Rattigan (1911-1977) se passa numa residência em Westminster e num apartamento em Baron's Court. Conforme o programa, o grupo seguia “política de escolher peças de caráter íntimo, apropriadas ao teatro tipo *West End*”, e para isso elegeu a peça “levada, com notável sucesso no Lyric Theatre de Londres em 1944”.

VOLPONE

Junho de 1955

Texto: Ben Jonson
Adaptação: Stephan Zweig
Direção: Ziembinski
Assistente de direção: Armando Paschoal
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Figurinos: Michel Veber
Execução de figurinos: Odilon Nogueira
Arranjos musicais: A. Bento da Cunha
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Eletricista: Aparecido André
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Walmor Chagas, Guilherme Corrêa, Mário Gonçalves, Reinaldo Lopes, Ziembinski, Fredi Kleemann, Luiz Linhares, Waldemar Wey, Cleyde Yáconis, Elisabeth Henreid, Jorge Chaia, Atilio del Fiore, Zeluiz Pinho, José Herculano, Leonardo Villar, Maria Célia Camargo e Rita Cléos



Obra do dramaturgo renascentista inglês Ben Jonson (1572-1637), contemporâneo de William Shakespeare (1564-1616), autor não contemplado pelo TBC. Sua adaptação foi realizada pelo escritor austríaco Stephan Zweig (1881-1942). O crítico Alberto Guzik afirmou: “*Volpone* é uma das mais abrasivas condenações que a arte já dirigiu contra o apego ao dinheiro e o amor ao poder. Sua coleção animalesca de personagens, todas fixadas na ideia de riquezas, em sua obtenção, acúmulo e multiplicação, possui hoje a mesma validade de há 367 anos” (*TBC: crônica de um sonho*, 1986).

Ziembinski dirigiu e interpretou o personagem-título, acompanhado pelo elenco permanente, com destaques para Walmor Chagas (Mosca) e Cleyde Yáconis (Canina). A elogiada caracterização “animalesca” do elenco levou a assinatura do maquiador Leontij Tymoszczenko, profissional bastante presente nas últimas produções do TBC. Elogios também foram dirigidos à cenografia, criada por Mauro Francini. O espetáculo foi representado para mais de 16 mil espectadores.

O PROFUNDO MAR AZUL

Junho de 1955

(Teatro Ginástico, Rio de Janeiro)

Autor: Terence Rattigan
Título original: *The Deep Blue Sea*
Tradução: Tati de Moraes
Direção: Adolfo Celi
Assistente de direção: Benedito Corsi
Cenário: Mauro Francini
Execução de cenários: Arquimedes Ribeiro
Iluminação: Adelar Elias
Direção de cena: Pedro Petersen
Elenco: Benedito Corsi, Miriam Roth, Aracy Cardoso, Tônia Carrero, Eugênio Kusnet, Paulo Autran, Maurício Barroso, Luiz Calderaro



Antecedendo esta peça, com o chamado “elenco B” no Teatro Ginástico, vista apenas no Rio de Janeiro, a legenda TBC também apresentou na capital fluminense, mas em janeiro, duas montagens paulistas de anos anteriores: *O banquete* e *Pega Fogo*.

O profundo mar azul, do inglês Terence Rattigan (1911-1977), drama montado pela primeira vez em 1952, utiliza dados autobiográficos a partir do relacionamento secreto do autor com o ator Kenny Morgan – e as consequências de seu término –, porém, na versão definitiva do texto, essa paixão foi convertida em amor homossexual. Fez grande sucesso em palcos de Londres, Paris e Roma, com estrelas como Peggy Ashcroft, Madeleine Robinson e Andreina Pagnani. Conforme o *Jornal do Brasil*, lotou o Ginástico durante quase um mês, inclusive com vesperais exclusivamente femininas às quintas-feiras, porém saiu de cartaz no auge do sucesso para dar lugar a *Santa Marta Fabril*, montagem que já tinha reservado data de estreia em julho no mesmo palco.

No elenco, além de Tônia Carrero, foram especialmente notados na imprensa carioca Benedito Corsi (1924-1996) – tornado assistente de direção para os encenadores italianos do TBC e o primeiro “aluno contratado” formado pela Escola de Arte Dramática de São Paulo (EAD) – e Aracy Cardoso (1937-2017), intérprete da remontagem de *Vestido de noiva*, pelo Teatro Suicida de Nelson Rodrigues, naquele mesmo ano, e também do Teatro de Arena, com extensa carreira posterior na televisão brasileira.

MARIA STUART

Setembro de 1955

Texto: Friedrich Schiller
Tradução: Manuel Bandeira
Direção: Ziembski
Assistente de direção: Armando Paschoal
Cenografia: Mauro Francini
Figurinos: Clara Hetenyi
Execução de figurinos: Odilon Nogueira
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Eletricista: Aparecido André
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Sylvia Orthof, Jorge Chaia, Walter Ribeiro, Cacilda Becker, Luiz Linhares, Leonardo Villar, Cleyde Yáconis. Plínio Camargo, Armando Paschoal, Fredi Kleemann, Walmor Chagas, Guilherme Corrêa, Benedito Corsi, Mário Gonçalves, Paulo Pinheiro, Wolney Breda, Alec Wellington, Léa Surian, Rita Shadrack, Naria Célia Camargo, Vera Valdez, Domingos Hernandez e Totônio P. da Silva



O embate entre Elisabeth I e Maria Stuart, narrado pelo dramaturgo alemão Friedrich Schiller (1759-1805), foi aqui recriado pelas irmãs Cleyde Yáconis (Elisabeth I) e Cacilda Becker (Maria Stuart). Houve, segundo parte da crítica, desequilíbrio entre a interpretação dos principais papéis e a do extenso elenco secundário. A direção de Ziembski, focada no desempenho das duas atrizes, foi bastante elogiada, e a adesão do público seguiu os aplausos da crítica, perfazendo 21 mil espectadores, em 89 sessões.

Após essa montagem, Waldemar Wey, importante integrante da companhia desde o seu surgimento, abandonou a carreira artística para exercer a profissão de advogado. Merece destaque, ainda, a tradução do poeta Manuel Bandeira.

ESPERANDO GODOT

Setembro de 1955

Escola de Arte Dramática

Texto: Samuel Beckett

Título original: *En attendant Godot*

Tradução: Esther Mesquita

Direção: Alfredo Mesquita

Assistente de direção: Geraldo Matheus

Elenco: Eduardo Waddington, Emanuele Corinaldi, Geraldo Matheus, Luiz Eugênio Barcelos e Alceu Nunes



Franco Zampari cedeu o teatro da rua Major Diogo por quinze dias para Alfredo Mesquita, que apresentou a peça, então inédita no Brasil, *Esperando Godot*, de Samuel Beckett (1906-1989), com os alunos da Escola de Arte Dramática (EAD), dando um ar de modernidade àquele palco acostumado a receber repertório mais conservador.

Tendo estreado em Paris apenas dois anos antes, a peça representou uma guinada na história do teatro ocidental, e somente seria montada profissionalmente em São Paulo em 1969, dirigida por Flávio Rangel, com elenco integrado por Cacilda Becker, em seu último papel, e Walmor Chagas.

OS FILHOS DE EDUARDO

Dezembro de 1955

Texto: Marc-Gilbert Sauvajon
Título original: *Les Enfants d'Édouard*
Tradução: Renato Alvim e Mário da Silva
Direção: Cacilda Becker e Ruggero Jacobbi
Assistente de direção: Armando Paschoal
Cenografia: Mauro Francini
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Figurinos: Odilon Nogueira
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Eletricista: Aparecido André
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Guilherme Corrêa, Leonardo Villar, Lêa Surian, Jorge Chaia, Cacilda Becker, Sylvia Orthof, Luiz Linhares, Fredi Kleemann, Ziembinski, Walmor Chagas, Marina Freire e Rita Shadrack



A companhia recorre a um antigo sucesso para encerrar o ano. Trata-se de uma nova produção, com novos cenários, novos figurinos e elenco renovado, restando apenas Marina Freire e Cacilda Becker da montagem original. As características básicas da montagem de 1950 parecem ter sido mantidas, tanto pela presença de Cacilda como pela participação de Ruggero Jacobbi na supervisão. Otimista, o italiano afirmou, no programa da peça: “Nossa esperança é, apenas, a de ouvir outra vez na plateia, aquele riso, aquela vibração de alegria, com que os espectadores se regalavam aliviados em 1950. Seria uma contribuição para a distensão dos espíritos, neste tempestuoso fim de 1955”. A peça teve apenas 38 apresentações, com presença de cerca de 7 mil espectadores.

O SEDUTOR

Janeiro de 1956

(Teatro Ginástico, Rio de Janeiro, dezembro de 1955)

Texto: Diego Fabbri

Título original: *Il seduttore*

Tradução: Luis Giovannini e Ruggero Jacobbi

Direção: Eugênio Kusnet

Cenografia: Mauro Francini

Cenotécnico Arquimedes Ribeiro

Guarda-roupa: Beatriz Biar

Maquiagem: Leontij Tymoszczenko

Direção de cena: Sebastião Ribeiro

Elenco: Maurício Barroso, Célia Biar,

Elisabeth Henreid e Nathalia Timberg



A comédia do dramaturgo italiano Diego Fabbri (1911-1980) conta a história de um homem que diz amar três mulheres e planeja viver com todas ao mesmo tempo: uma como esposa, outra como noiva e a terceira como amante. Ao final todas o abandonam e, sentindo-se muito só, ele se suicida.

Essa foi a primeira e única direção de Eugênio Kusnet no TBC. Estreada em dezembro de 1955 no Teatro Ginástico no Rio de Janeiro, a peça transferiu-se para São Paulo em janeiro de 1956, registrando-se críticas negativas e público escasso em ambas as cidades. Em São Paulo foram 38 apresentações para 2.500 espectadores, com a média irrisória de 66 pessoas por sessão. A montagem marca a estreia de Nathalia Timberg no TBC, no papel de Wilma, a pretendida amante. Maurício Barroso, participante do elenco desde 1949, afasta-se após a repercussão dessa montagem e dedica-se ao grupo Os Jograis, criado e dirigido por Ruy Affonso.

A CASA DE CHÁ DO LUAR DE AGOSTO

Fevereiro de 1956

Texto: John Patrick

Título original: *The Teahouse of the August Moon*

Tradução: Mário da Silva e Renato Alvim

Direção: Maurice Vaneau

Assistente de direção: Armando Paschoal

Cenografia: Mauro Francini

Figurinos: Clara Hetenyi

Execução de figurinos: Odilon Nogueira

Música: Enrico Simonetti

Maquiagem: Leontij Tymoszczenko

Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro

Elétricista-chefe: Aparecido André

Direção de cena: Sebastião Ribeiro

Eletroacústica: Kurt Taterka

Elenco: Ítalo Rossi, Mauro Mendonça,

Fregolente, Milton Moraes, Ericka Falken,

Nathalia Timberg, Vera Lúcia Alcazar,

Francisco Carlos Ferro, Roberto Ferro,

Wasureta, Teotônio P. da Silva, Victor Jamil,

Fábio Sabag, Aníbal A. Santos, Vicente Zirpolo,

Oscar Felipe, Célia Biar, Rubens Fazoni, Sérgio

Britto, Paulo Pinheiro, José Luís Pereira,

Carmen Gonzales, Marguet Mago, Maria

Helena e Eugênio Kusnet



Com a saída de Adolfo Celi, o jovem belga Maurice Vaneau, aos 29 anos, é contratado para exercer a função de diretor artístico do grupo, ao lado de Ziembinski.

Sua primeira direção para o TBC é esta peça do dramaturgo norte-americano John Patrick (1905-1995), ambientada na ilha de Okinawa, ocupada pelos Estados Unidos após a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial. Patrick trata do convívio entre os militares norte-americanos e os “nativos”.

Segundo a crítica, Vaneau dirigiu brilhantemente a comédia, tirando o máximo proveito das situações e do elenco renovado do TBC, que contou com as elogiadas estreias de Ítalo Rossi, Mauro Mendonça, o veterano Fregolente, Milton Moraes e Maria Helena (que depois incluiu o sobrenome Dias ao nome artístico).

Foi um dos maiores sucessos do TBC, com temporadas em São Paulo e no Rio de Janeiro, atingindo a alta média de 317 pessoas por sessão, levando-se em conta que o Teatro Ginástico (513 lugares) era maior que o TBC (365 lugares). No período das apresentações, Gianni Ratto é contratado para a direção artística do TBC, junto com Vaneau e Ziembinski, e inicia os ensaios de uma adaptação de *Crime e castigo*, de Dostoiévski, ideia logo abandonada em favor da peça *Eurydice*, sua primeira direção na casa.

DIVÓRCIO PARA TRÊS

Julho de 1956

Texto: Victorien Sardou
Título original: *Divorçons!*
Tradução: Mário da Silva e Renato Alvim
Direção: Ziembinski
Cenografia: Mauro Francini
Figurinos: Aldo Calvo
Execução de figurinos: Odilon Nogueira e Rina Fogliotti
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista-chefe: Aparecido André
Carpintaria: Carmine Pássaro e Hêlio Ferraz da Silva
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Fernando Torres, Fernanda Montenegro, Sebastião Ribeiro, Ziembinski, Leonardo Villar, Cacilda Becker, Jorge Chaia, Carminha Brandão, Fredi Kleemann, Dina Lisboa, Sylvia Orthof, Sadi Cabral, Rubens Teixeira e Elísio de Albuquerque



A remontagem da comédia de Victorien Sardou (1831-1908) não repete o sucesso de 1953, sendo apresentada 43 vezes para pouco mais de 5 mil espectadores (média de 116 pessoas por sessão). Ela traz uma nova cenografia, realizada por Mauro Francini, porém com os mesmos figurinos de Aldo Calvo. O elenco, muito renovado, mantém apenas Cacilda Becker, Ziembinski e Sebastião Ribeiro. Estreias de Fernando Torres e Fernanda Montenegro no palco do TBC, em papéis menores.

EURYDICE

Agosto de 1956

Texto: Jean Anouilh
Tradução: Guilherme de Almeida
Direção e cenografia: Gianni Ratto
Assistente de direção: Fernando Torres
Figurinos: Luciana Petrucelli
Execução de figurinos: Odilon Nogueira
Música para violino: Diogo Pacheco
Execução: Milton Kanji
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Responsável pela execução dos cenários: Mauro Francini
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista-chefe: Aparecido André
Carpintaria: Carmine Pássaro e Hêlio Ferraz da Silva
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Sadi Cabral, Walmor Chagas, Fredi Kleemann, Elida Marelli, Cleyde Yáconis, Dina Lisboa, Isaias Raw, Leonardo Villar, Fernanda Montenegro, Francisco Negrão, Elisabeth Henreid, Jorge Chaia, Rubens Teixeira, Fernando Torres, Elisio de Albuquerque e Raul Cortez



O dramaturgo Jean Anouilh (1910-87) sobe ao palco do TBC pela quarta vez desde 1948. Dessa vez foi escolhida esta versão moderna do mito de Orfeu e Eurídice, ambientada na cidade de Marselha nos dias atuais. Orfeu é um cantor de rua, e Eurydice uma atriz mambembe, papéis interpretados por Walmor Chagas e Cleyde Yáconis. Fernanda Montenegro comparece mais uma vez em pequeno papel, e a ficha técnica lista Raul Cortez em sua primeira participação no TBC. A crítica da época foi elogiosa, não só ao texto, mas principalmente à direção e à cenografia de Ratto. Dessa vez, Mauro Francini assinou a execução dos cenários.

A requintada produção teve apenas 33 sessões, sendo assistida por 3,6 mil pessoas, uma média de pouco mais de cem espectadores por sessão, número que atesta o fracasso da empreitada. A retirada abrupta de cartaz também diz respeito ao sério desentendimento ocorrido entre Zampari e Ratto, que provocou a transferência do segundo para o Rio de Janeiro, a fim de dar seguimento a seu contrato com o TBC.

MANOUCHE

Setembro de 1956

Texto: André Birabeau
Tradução: Mário da Silva e Renato Alvim
Direção: Ziembinski
Assistente de direção: Fernando Torres
Cenografia: Mauro Francini
Figurinos de Cleyde Yáconis e Elisabeth Henreid: Odilon Nogueira
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista-chefe: Aparecido André
Carpintaria: Carmine Pássaro e Hélio Ferraz da Silva
Eletroacústica: Kurt Taterka
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Ziembinski, Elisabeth Henreid, Jorge Chaia, Cleyde Yáconis e Sadi Cabral



Com a saída abrupta de cartaz de *Eurydice*, Ziembinski aproveita parte do elenco da casa para ensaiar e estreiar, em apenas quinze dias, esta comédia “inconsequente” do dramaturgo francês André Birabeau (1890-1974). A montagem registra 34 apresentações, mas para apenas 4 mil pessoas.

GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE

Outubro de 1956

Texto: Tennessee Williams
Título original: *Cat on a Hot Tin Roof*
Tradução: R. Magalhães Jr.
Direção: Maurice Vaneau
Assistente de direção: Armando Paschoal
Cenografia: Mauro Francini
Execução de figurinos femininos: Odilon Nogueira
Execução de figurinos masculinos: A. Soares de Oliveira
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista-chefe: Aparecido André
Carpintaria: Carmine Pássaro e Hélio Ferraz da Silva
Eletoacústica: Kurt Taterka
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Cacilda Becker, Walmor Chagas, Célia Biar, Dina Lisboa, Ziembinski, Leonardo Villar, Sadi Cabral, Jorge Chaia, Samuel dos Santos, Nicolas Bliochas, Maria Nuzzo, Niki Bliochas, Mário Nuzzo,



Maurice Vaneau volta a dirigir e emplaca um novo sucesso, que dá certo alento à companhia perante o quadro imediatamente anterior. O drama de Tennessee Williams (1911-1983) envolve uma mulher muito sensual (Maggie) às voltas com o marido homossexual (Brick). Há, no entorno, a presença da família do rapaz, e o ambiente criado é tão sufocante quanto o calor do delta do Mississippi, onde se passa a ação. A questão da homossexualidade é tratada de modo reservado ou parcialmente velado, à maneira dos anos 1950. Maurice Vaneau centrou foco nas interpretações e, conforme a crítica, Cacilda mais uma vez brilhou no papel de Maggie, mesmo longe do tipo descrito pelo autor, enquanto Walmor saiu-se muito bem como o problemático Brick. A crítica também destacou Ziembinski no papel de Paizão. A peça encerrou o ano com 180 representações, entre São Paulo e Rio de Janeiro, atraindo 35 mil espectadores.

Em 1956, ainda foram apresentadas, mas já no Rio de Janeiro, *Maria Stuart* e *Volpone*, além de *Nossa vida com papai*, dirigida por Gianni Ratto, que estrearia em São Paulo em 1957.

AS PROVAS DE AMOR

Janeiro de 1957

Texto: João Bethencourt

Direção e cenografia: Maurice Vaneau

Assistente de direção: Armando Paschoal

Execução de figurinos femininos: Odilon Nogueira

Música: Movimento Ars Nova

Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro

Eletricista-chefe: Aparecido André

Carpintaria: Carmine Pássaro e Hêlio Ferraz da Silva

Eletroacústica: Kurt Taterka

Direção de cena: Sebastião Ribeiro

Elenco: Elisabeth Henreid, Walmor Chagas,

Leonardo Villar, Samuel dos Santos,

Roberto Ferro, Ziembinski, Maria Dilnah,

Fredi Kleemann, Elza Maria, Jorge Chaia,

Jackson de Souza, Sadi Cabral, Raul Cortez,

Clarice Pacheco, Nelson Duarte, Luciano

Centofant e Teotônio Pereira da Silva



Em sua terceira direção para o TBC, Maurice Vaneau arrisca texto de um novo autor brasileiro, João Bethencourt (1924-2006), mestre em teatro e dramaturgia pela Universidade de Yale, nos Estados Unidos, em 1954. Exercendo seu papel também como diretor artístico do grupo, Vaneau justificou a escolha da peça: “A criação de um teatro brasileiro autêntico não pode ser concebida sem peças brasileiras, e, em consequência, é de nosso dever – animador de teatro – encorajar e ajudar com toda nossa força o jovem talento nacional. O único meio para um autor de adquirir uma experiência é ver as suas peças montadas e enfrentando o público. Se dessa forma conseguirmos ajudar João Bethencourt na sua técnica de dramaturgo, um dos nossos principais objetivos será atingido”, conforme o programa do espetáculo.

A maior parte das críticas apontou pontos negativos, inclusive quanto à direção, e o teatro não lotou para conhecer o trabalho do novo dramaturgo em quarenta sessões. A caprichada produção contou com música vanguardista do grupo Ars Nova. Ao elenco de peso, somou-se a atriz Maria Dilnah, mais conhecida por atuações no cinema.

A RAINHA E OS REBELDES

Fevereiro de 1957

Texto Ugo Betti

Título original: *La regina e gli insorti*

Tradução: Ruggero Jacobbi

Direção: Maurice Vaneau

Assistente de direção: Armando Paschoal

Cenografia: Mauro Francini

Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro

Eletricista-chefe: Aparecido André

Carpintaria: Carmine Pássaro e Hélio Ferraz da Silva

Eletroacústica: Kurt Taterka

Direção de cena: Sebastião Ribeiro

Elenco: Leonardo Villar, Fredi Kleemann,

Cleyde Yáconis, Ziembinski, Dina Lisboa,

Raul Cortez, Vicente Zirpolo, Arquimedes

Ribeiro, Atilio del Fiore, Walmor Chagas,

Eugênio Kusnet, Zeluz Pinho, Sydnéia Rossi,

Teotônio P. da Silva e Costaki Christóforo



O drama político do dramaturgo italiano Ugo Betti (1892-1953) conta o embate entre a prostituta Elisa (mais uma elogiada interpretação de Cleyde Yáconis) e Elisabeta (Dina Lisboa), rainha deposta e caçada por rebeldes revolucionários. O insucesso de público pode ser avaliado pelo comparecimento de apenas 5 mil pessoas às 50 sessões oferecidas, com a média de cem espectadores por sessão. Com esse fecho, Maurice Vaneau desliga-se da direção artística do TBC e volta à Europa.

MATAR e DO OUTRO LADO DA RUA

Março de 1957

Teatro Experimental do TBC

Matar

Texto: Paulo Hecker Filho

Direção: Walmor Chagas

Do outro lado da rua

Texto: Augusto Boal

Direção: Flávio Rangel

Elenco: Célia Helena, Raul Cortez, Cici

Pinheiro, Dulce Margarida e Nelo Pinheiro

Com o objetivo de “dar oportunidade a novos elementos, não só autores, diretores, como também para atores e, para o futuro, cenógrafos” (conforme o programa da peça), o TBC cria um novo projeto experimental, que, infelizmente, não passa da primeira edição. Entre “os novos elementos” destacavam-se os nomes de Célia Helena, Flávio Rangel e, em texto, Augusto Boal.

NOSSA VIDA COM PAPAI

Abril de 1957

Texto: Howard Lindsay e Russel Crouse

Título original: *Life with Father*

Tradução: R. Magalhães Jr.

Direção e cenografia: Gianni Ratto

Assistente de direção: Fernando Torres

Figurinos: Kalma Murtinho

Execução de figurinos femininos: Odilon Nogueira

Execução de figurinos masculinos: A. Soares de Oliveira

Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro

Eletricista-chefe: Aparecido André

Carpintaria: Carmine Pássaro e Hêlio Ferraz da Silva

Eletroacústica: Kurt Taterka

Direção de cena: Sebastião Ribeiro

Elenco: Carminha Brandão, Fernanda

Montenegro, Oscar Felipe, Cláudio Cavalcanti,

Regina C. Melo, Ricardo C. Melo, Fregolente,

Élida Morelli, Nathalia Timberg, Maria Helena,

Sérgio Britto, Sônia Gabi, Lia Maione, Mauro

Mendonça, Fernando Torres e Ericka Falken



Com a saída de Maurice Vaneau, a lógica seria que Gianni Ratto, ao voltar do Rio de Janeiro, assumisse a direção artística do TBC, mas o temperamento de Zampari trai a lógica, e Ratto apenas dirige a peça que havia estreado no Rio de Janeiro no ano anterior, para então retirar-se do TBC.

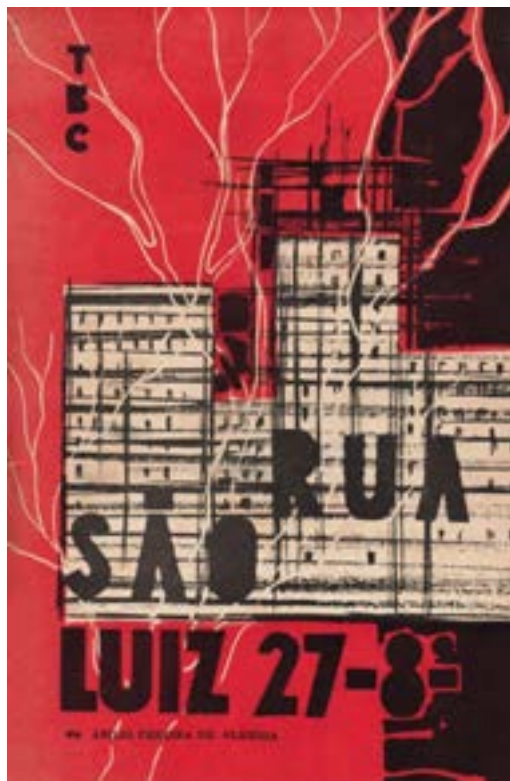
Nossa vida com papai é uma comédia familiar norte-americana, escrita pela dupla Howard Lindsay (1889-1968) e Russel Crouse (1893-1966), que mostra os problemas domésticos criados por um pai temperamental (Fregolente) e uma mãe contemporizadora (Fernanda Montenegro em seu primeiro protagonismo no TBC). Segundo a crítica, Ratto soube contornar a superficialidade da trama, dando ênfase ao ritmo e às interpretações, elogiadíssimas, não só do par central, mas de todo o elenco, incluindo as crianças. Montada para o sucesso, a peça teve cem apresentações, sendo assistida por 17 mil espectadores.

No mês de maio, um incêndio destrói o Teatro Ginástico no Rio de Janeiro, levando consigo os cenários de *Gata em teto de zinco quente*, fato a agravar a situação financeira do grupo.

RUA SÃO LUIZ, 27-8º

Julho de 1957

Texto: Abílio Pereira de Almeida
Direção: Alberto D'Aversa
Assistente de direção: Armando Paschoal
Cenografia: Mauro Francini
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Maquinista: Arquimedes Ribeiro
Eletricista: Aparecido André
Carpintaria: Hélio Ferraz da Silva
Eletroacústica: Kurt Taterka
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Maria Helena, Oscar Felipe, Elisabeth Henreid, Egydio Eccio, Jussara Menezes, Raul Cortez, Fernanda Montenegro, Mauro Mendonça, Nathalia Timberg, Sérgio Britto, Rosamaria Murtinho, Oswaldo de Abreu, Victor Jamil, Lia Maione, Gladys Areta, Monah Delacy, Fernando Torres, Ítalo Rossi e Aldo de Maio



Alberto D'Aversa, encenador italiano que vivia em Buenos Aires, é escolhido por Franco Zampari para ser o novo diretor artístico do grupo. É ele quem dirige o novo espetáculo do TBC, e, mais uma vez, Abílio Pereira de Almeida salva provisoriamente o grupo. Trata-se da quinta peça de sua autoria montada pela companhia.

Zampari arrependeu-se de recusar *Moral em concordata*, que foi montada por Maria Della Costa com imenso sucesso, e não titubeou em aceitar quando o autor lhe ofereceu esta nova peça. Apesar dos problemas de conteúdo (a maneira de tratar a promiscuidade e a falsa moral da burguesia paulistana), elencados por Alberto Guzik no livro *TBC: crônica de um sonho*, a peça tornou-se mais um grande sucesso da companhia em suas mais de 250 apresentações em São Paulo, recebendo elogios da crítica, tanto para a direção de D'Aversa como para o enorme elenco, composto de nomes que viriam a fazer história no teatro brasileiro.

ADORÁVEL JÚLIA

Novembro de 1957

Texto: Marc-Gilbert Sauvajon (baseado em *Theatre*, de Somerset Maugham e Guy Bolton)

Título original: *Adorable Julia*

Tradução: Mário da Silva e Renato Alvim

Direção: Ziembinski

Assistente de direção: Sandoval Mota

Cenografia: Mauro Francini

Figurinos de época: Clara Hetenyi

Execução de figurinos de época: Odilon

Nogueira

Cabeleiras: Leontij Tymoszczenko

Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro

Carpintaria: Hélio Ferraz da Silva

Eletroacústica: Kurt Taterka

Contrarregras: Sandoval Mota e Alberto Nuzzo

Elenco: Leonardo Villar, Jorge Chaia,

Ziembinski, Cacilda Becker, Erick, Walmor

Chagas, Célia Biar, Zilka Sallaberry, Helena

Barreto Leite, Sandoval Mota e Oswaldo

de Abreu



A ocupação prolongada de *Rua São Luiz*, 27-8º no palco TBC fez com que Zampari alugasse o Teatro Maria Della Costa para abrigar *Adorável Júlia*, sua nova atração.

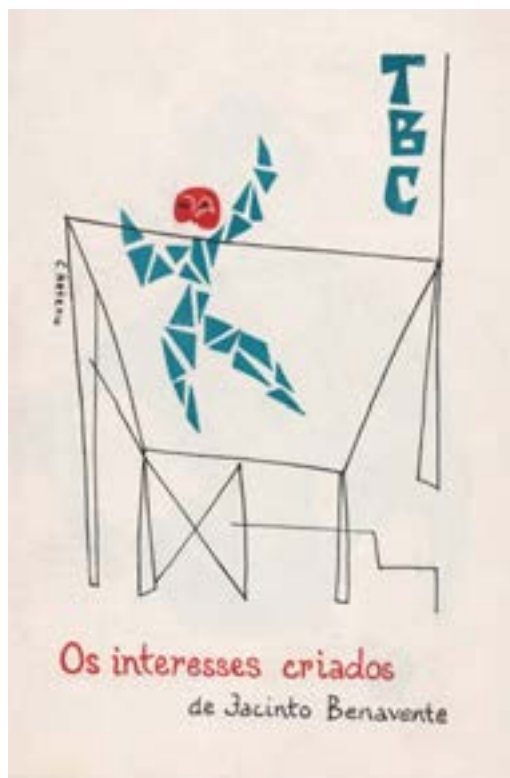
A peça, que o francês Marc-Gilbert Sauvajon (outro autor bastante presente no repertório do TBC) escreveu a partir de *Theatre*, de Somerset Maugham e Guy Bolton, passa-se nos bastidores de um teatro, narrando os amores da atriz Júlia Lambert e o fim de seu casamento, numa comédia bem construída, mas sem maiores aprofundamentos. Júlia é personagem para grandes intérpretes, e foi vivida por Cacilda, realizando seu último grande trabalho para o TBC, curiosamente apresentado em outro palco que não aquele onde a artista brilhou por mais de nove anos.

Ao final da temporada, Cacilda, Cleyde Yáconis, Walmor Chagas, Ziembinski e Fredi Kleemann desligam-se do TBC para criar o Teatro Cacilda Becker (TCB), provocando uma enorme lacuna na companhia de Franco Zampari.

OS INTERESSES CRIADOS

Dezembro de 1957

Texto: Jacinto Benavente
Título original: *Los intereses creados*
Tradução: Brutus Pedreira
Direção: Alberto D'Aversa
Cenografia: Mauro Francini
Figurinos: Clara Hetenyi
Execução de figurinos: Odilon Nogueira
Máscaras: Clara Hetenyi [desenho] e Mauro Francini [execução]
Consultor musical: Cláudio Petraglia
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista-chefe: Aparecido André
Carpintaria: Hélio Ferraz da Silva
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Eletoacústica: Kurt Taterka
Elenco: Ítalo Rossi, Oscar Felipe, Fernando Torres, Aldo de Maio, Euclides Sandoval, Nathalia Timberg, Egydio Eccio, Mauro Mendonça, Fernanda Montenegro, Maria Helena, Monah Delacy, Carminha Brandão, Sérgio Britto, Elisabeth Henreid, Eugênio Kusnet e Raul Cortez



Segunda direção de Alberto D'Aversa para a companhia, em peça escrita em 1907, que mistura elementos de *commedia dell'arte* com o teatro de ideias do dramaturgo espanhol Jacinto Benavente (1866-1954), e que, a julgar pelas críticas, não resultou muito bem. Benavente fora agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura no ano de 1922. As reações para a direção foram discretas; e os elogios canalizados para as interpretações de Ítalo Rossi e Fernanda Montenegro, que passavam a liderar o excelente elenco da companhia. Porém, foram apenas trinta espetáculos para 4 mil espectadores; e assim o TBC fechou o ano acumulando mais um fracasso.

No programa da peça havia a seguinte informação: “Com a estreia de *Interesses criados*, em São Paulo o TBC atingiu o número de 5.401 representações dadas pelo elenco permanente, e foram apresentados 376 espetáculos de companhias convidadas, incluindo recitais de poesia, canto e pantomimas”.

A DAMA DE COPAS

Janeiro de 1958

Texto: Abílio Pereira de Almeida
Direção: Armando Paschoal
Assistente de direção: Laércio Laurelli
Cenografia: Mauro Francini
Execução de figurinos: Odilon Nogueira
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Carpintaria: Hélio Ferraz da Silva
Eletricista: Adelar Elias
Eletroacústica: Kurt Taterka
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Laércio Laurelli, Maria Pompeu,
Roberto de Cleto, Sebastião Campos,
Rosamaria Murtinho, Monah Delacy, Luiz
D'Ávila, Célia Biar, Mauro Mendonça, Fábio
Sabag, Newton Prado e Oswaldo de Abreu

Em 1957, o TBC completava sua primeira década de existência (1948-1957). Por isso, em 1958, abria temporada com nova montagem de *Pif-Paf*, de Abílio Pereira de Almeida, então rebatizada como *A dama de copas*. Armando Paschoal, assistente de direção em vários espetáculos e à frente da Sociedade Brasileira de Comédia, mantenedora da casa, assume o comando de encenador pela primeira e última vez.

Pela demora no preparo da estreia seguinte (*A matrona de Éfeso*), manteve-se a peça em cartaz artificialmente por oitenta apresentações, mas só compareceram 8 mil espectadores, correspondendo a uma média de cem espectadores por sessão. No elenco, a nomes conhecidos como Célia Biar, Monah Delacy, Rosamaria Murtinho e Mauro Mendonça juntam-se os de Sebastião Campos e alguns outros que, em sua maioria, não seguiram carreira.

A MUITO CURIOSA HISTÓRIA DA VIRTUOSA MATRONA DE ÉFESO

Março de 1958

Texto: Guilherme Figueiredo
Direção: Alberto D'Aversa
Assistente de direção: Fernando Torres
Cenografia: Mauro Francini
Figurinos: Michel Veber
Execução de figurinos: Odilon Nogueira
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista-chefe: Aparecido André
Carpintaria: Hêlio Ferraz da Silva
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Leonardo Villar, Fernanda Montenegro, Francisco Cuoco, Nathalia Timberg, Sérgio Britto, Fernando Torres e Carminha Brandão



Mais uma vez Guilherme Figueiredo (1915-1997) aventura-se no universo da mitologia grega, como fizera em *Um deus dormiu lá em casa* e *A raposa e as uvas*. Dessa vez, porém, sem a repercussão anterior, o TBC soma mais um fracasso a seu histórico. Foram apenas 35 apresentações, com a presença de cerca de 3 mil pessoas, ou seja, uma média de 86 espectadores por sessão.

Fernanda Montenegro, que chegou ao TBC ancorada em suas excelentes interpretações na Cia. Maria Della Costa, ainda não tinha tido a chance de um grande papel na nova casa. Com a saída de Cleyde Yáconis e Cacilda Becker, as oportunidades foram aparecendo e, neste espetáculo, ela alcançou o protagonismo com elogios da crítica. O “*boulevard* helenizado”, segundo Guzik, foi dirigido por Alberto D'Aversa e contou com Fernando Torres como assistente de direção. Destaque para o visagismo (maquiagem e cabeleiras) criado por Leontij Tymoszczenko.

VESTIR OS NUS

Abril de 1958

Texto: Luigi Pirandello
Título original: *Vestire gli ignudi*
Tradução: Ruggero Jacobbi
Direção: Alberto D'Aversa
Assistente de direção: Fernando Torres
Cenografia: Mauro Francini
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista-chefe: Aparecido André
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Fernanda Montenegro, Sérgio Britto,
Carminha Brandão, Ítalo Rossi, Oscar Felipe,
Leonardo Villar e Gledy Marisa



Depois de seu intenso trabalho em *A matrona de Éfeso*, Fernanda Montenegro torna-se o eixo deste novo espetáculo, terceira obra do italiano Luigi Pirandello (1867-1936) montada pelo TBC e dessa vez dirigida pelo seu compatriota Alberto D'Aversa. Fernanda interpretou a protagonista Ersilia Drei, cujo destino é traçado desde a primeira cena, e os homens que a circundam, e que de alguma maneira a conduzem a seu trágico fim, foram vividos por Sérgio Britto, Ítalo Rossi, Oscar Felipe e Leonardo Villar.

A crítica lançou restrições à direção de D'Aversa, por acentuar a melodramaticidade da trama e também pela falta de homogeneidade quanto ao estilo de interpretação dos atores. De qualquer maneira, Fernanda Montenegro saiu consagrada por sua composição de Ersilia. As restrições da crítica não afugentaram o público em 82 apresentações. Transferida para o Rio de Janeiro, obteve média de 193 espectadores por sessão.

UM PANORAMA VISTO DA PONTE

Junho de 1958

Texto: Arthur Miller

Título original: *A View from the Bridge*

Tradução: R. Magalhães Jr.

Direção: Alberto D'Aversa

Assistente de direção: Armando Paschoal

Cenografia: Mauro Francini

Maquiagem: Leontij Tymoszczenko

Maquinista: Arquimedes Ribeiro

Eltricista: Aparecido André

Direção de cena: Sebastião Ribeiro

Elenco: Oscar Felipe, Vinicius Salvatore,

Sérgio Britto, Leonardo Villar, Elisabeth

Henreid, Nathalia Timberg, Orlando

Duarte, Eduardo Waddington, Egidio Eccio,

Francisco Cuoco, Victor Jamil, Ítalo Rossi,

Fernanda Montenegro, Carminha Brandão,

Vera Ferraz, Alberto Nuzzo e Luiz Carello



Tem início a comemoração oficial dos dez anos do TBC. Um conselho organizador do evento escolheu três textos a serem montados até o final do ano, um nacional e dois estrangeiros. A montagem é justificada no programa: “A escolha da peça nacional recaiu em *Pedreira das almas* pelo simbolismo de que se reveste..., *Um panorama visto da ponte* por tratar-se de texto moderno e *Macbeth* por ser um clássico universal”. Finalmente programou-se Shakespeare para o repertório do grupo, mas isso nunca se concretizou.

O texto do norte-americano Arthur Miller, em torno de emigrantes italianos em Nova York, estreou em junho, consagrando Leonardo Villar como Eddie Carbone, e Nathalia Timberg como sua esposa, Beatriz. O advogado Alfieri foi interpretado por Sérgio Britto, e houve pequena participação afetiva das estrelas Fernanda Montenegro e Ítalo Rossi.

Décio de Almeida Prado foi enfático em sua crítica: “Após alguns espetáculos menos felizes, sentiam todos que o elenco de Franco Zampari, no dia em que começa a comemorar o seu décimo aniversário, precisava exatamente do que vimos no palco da rua Major Diogo: uma grande peça, uma grande representação e um grande desempenho individual”. O crítico segue com elogios ao trabalho de Villar, à direção de D'Aversa, ao elenco e ao cenário, concluindo que “o impacto direto deste drama nos atinge com a simplicidade e o vigor de um soco na boca do estômago”.

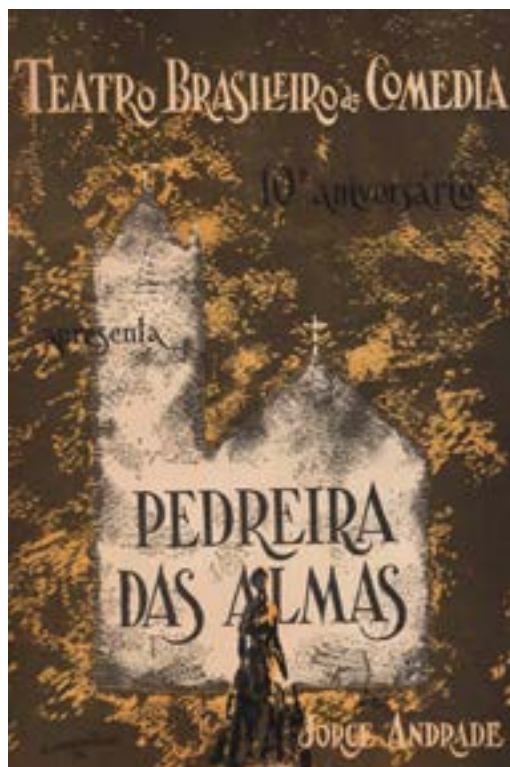
O sucesso é surpreendente: 198 apresentações em São Paulo (incluindo reprise em 1960), 213 no Rio de Janeiro e 24 em viagens pelo interior, perfazendo 435 sessões, para 100 mil pessoas.

PEDREIRA DAS ALMAS

Novembro de 1958

Texto: Jorge Andrade
Direção: Alberto D'Aversa
Assistente de direção: Fernando Torres
Cenografia: Mauro Francini
Figurinos: Darcy Penteado
Execução de figurinos femininos: Odilon Nogueira
Execução de figurinos masculinos: A. Soares de Oliveira
Música e direção musical: Diogo Pacheco
Direção do coro falado: Maria José de Carvalho
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista-chefe: Aparecido André
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Fernanda Montenegro, Leonardo Villar, Dina Lisboa, Sérgio Britto, Ítalo Rossi, Oscar Felipe, Nathalia Timberg, Carminha Brandão, Berta Zemel, Cecília Carneiro, Gledy Marise, Lea Bernet, Mylene Pacheco, Vera Barbosa Ferraz, Fernando Torres, Francisco Cuoco, Raul Cortez, Altamiro Martins, Vinicius Salvatori, Alberto Nuzzo, William Ricardi, Erika Falken, Yola Maia, Gustavo Pinheiro, Luiz Braz, N. P. Lux, Victor Jamil, José Egydio, Virgílio Carlos, Cláudia Deserti, Adauto Lopes, Paulo Pinheiro, Dante Augusto, Francisco Ferro e Roberto Ferro

A escolha de *Pedreira das almas* é justificada pelo conselho organizador das comemorações do décimo aniversário do TBC “pelo simbolismo de que se reveste: a formação da grei paulista exatamente no momento de sua transição do período de mineração para o período agrícola do café”. Trata-se de uma grande produção, com mais de trinta intérpretes no elenco liderado por Fernanda Montenegro, Leonardo Villar, Sérgio Britto, Ítalo Rossi



e Nathalia Timberg. Berta Zemel, que vinha de um grande sucesso como Ofélia no *Hamlet* dirigido por Sérgio Cardoso, estreava no TBC. Contou-se também com Mylene Pacheco no elenco, e Maria José de Carvalho na direção do coro.

Após quatro meses de ensaio, a peça, preparada para ser a grande montagem comemorativa dos dez anos, estreou em 20 de novembro de 1958 e não agradou nem a crítica nem o público, que pouco compareceu: 7 mil espectadores em 48 sessões. A produção, custosa diante desses números, configura grande prejuízo para Franco Zampari, que, sofre um espasmo cerebral no dia 13 de dezembro de 1958. Nesse período, Alberto D'Aversa é substituído por Alfredo Mesquita na direção artística da casa.

A SENHORIA

Março de 1959

Texto: Jacques Audiberti
Título original: *La Logeuse*
Tradução, adaptação e direção: Alfredo Mesquita
Cenografia: Mauro Francini
Execução de figurinos femininos: Odilon Nogueira
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista: Aparecido André
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Assistente de direção de cena: Altamiro Martins
Elenco: Dina Lisboa, Berta Zemel, Francisco Cuoco, Francisco Martins, Altamiro Martins, Newton Prado, Gustavo Pinheiro, Francisco Guimarães, Roberto Caielli, Galvão Bueno e Arquimedes Ribeiro



O ano começa com a reprise de *Um panorama visto da ponte*, seguida pela estreia de *A senhoria* no dia 10 de março.

Em sua breve passagem pela direção artística do TBC, Alfredo Mesquita montou esta comédia do dramaturgo francês Jacques Audiberti (1899-1965), que recria o mito de Circe para a atualidade. A feiticeira, interpretada por Dina Lisboa, é uma senhora burguesa que subjuga todos com seu café mágico. Apresentada em exíguas quatorze sessões para 850 espectadores, a montagem é considerada um dos maiores fracassos do TBC, fato que levou ao afastamento de Alfredo Mesquita e ao retorno de Alberto D'Aversa à direção artística do grupo.

SENHORITA JÚLIA

Abril de 1959

Texto: August Strindberg
Título original: *Fröken Julie*
Tradução: Knut Bernstrom e Mário da Silva
Direção: Alberto D'Aversa
Cenografia: Mauro Francini
Figurinos: Clara Hetenyi
Execução de figurinos femininos: Odilon Nogueira
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista-chefe: Aparecido André
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Carminha Brandão, Felipe Wagner, Tereza Rachel, Eucharis Moraes, Ericka Falken, Yola Maia, Victor Jamil, Omar Salim, Walter Fonseca



Na falta de uma atriz de porte para o chamado elenco permanente, o TBC traz do Rio de Janeiro Tereza Rachel, jovem atriz de 25 anos que atuara em 1958 em três espetáculos da companhia em palcos cariocas (*Treze à mesa*, *Quartos separados* e *Rua São Luiz*, 27- 8º).

O texto do dramaturgo sueco August Strindberg (1849-1912) dirigido por Alberto D'Aversa tornou-se veículo para revelar o talento de Tereza ao público paulistano, que infelizmente não correspondeu, comparecendo pouco às cinquenta apresentações. Não faltaram elogios da crítica à atuação da atriz e também restrições à direção de D'Aversa e à atuação de Felipe Wagner.

Com o fracasso de *Senhorita Júlia*, o palco do TBC é ocupado entre maio e junho pela companhia carioca de Aurimar Rocha, com o espetáculo *Pedro Mico*, de Antônio Callado, tendo Milton Moraes e Nicette Bruno no elenco.

ROMANOFF E JULIETA

Junho de 1959

Texto: Peter Ustinov
Título original: *Romanoff and Juliet*
Tradução: Mário da Silva e Renato Alvim
Direção: Alberto D'Aversa
Cenografia: Mauro Francini
Figurinos: Clara Hetenyi
Execução de figurinos: Odilon Nogueira e A. Soares de Oliveira
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista-chefe: Aparecido André
Carpintaria: Sebastião Ribeiro
Elenco: Fregolente, Cazarrê, Orlando Duarte, Marcelo Bittencourt, Newton Prado, Berta Zemel, Marina Freire, Francisco Cuoco, Mauro Mendonça, Carminha Brandão, Fábio Cardoso, Antônio Ganzarolli e Tereza Rachel



Berta Zemel (Julieta) e o galã do cinema Fábio Cardoso (Romanoff) protagonizaram esta versão moderna de *Romeu e Julieta* – o mais próximo que o repertório do TBC chegou de Shakespeare – escrita pelo ator e dramaturgo inglês Peter Ustinov (1921-2004), na qual a rivalidade norte-americana/russa durante a Guerra Fria serve de fundo para a comédia com final feliz. Ironicamente, o autor situa a ação “no menor país que sobrou da Europa”.

Franco Zampari escreveu no programa da peça: “Escolhi a peça *Romanoff e Julieta* pois tive um período em minha vida no qual necessitava sorrir...”. Ao que parece, o público também estava precisando sorrir, pois respondeu bem às 77 sessões em São Paulo e 96 no Rio de Janeiro, perfazendo um total de mais de 20 mil espectadores nas duas cidades. Destaque para as presenças de Fregolente e Cazarrê no elenco.

PATATE

Setembro de 1959

Texto: Marcel Achard
Tradução: Mário da Silva e Renato Alvim
Direção: Alberto D'Aversa
Cenografia: Franco Zampari
Figurinos: Maria Cecília Gurgel
Execução de figurinos: Odete Maluf
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Eletricista: Aparecido André
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Marceneiro: Waldemar Campanha
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Amélia Bittencourt, Carminha Brandão, Fregolente, Marcelo Bittencourt, Mauro Mendonça, Tereza Rachel

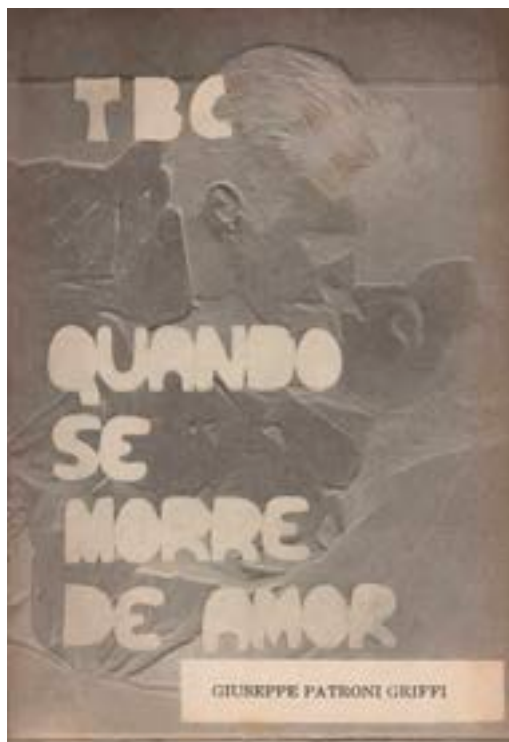


O dramaturgo francês Marcel Achard (1899-1974) voltava ao palco do TBC após nove anos (vide *O cavalheiro da lua*, dirigido por Ziembinski em 1950), na tentativa de reviver os bons tempos em que a comédia de *boulevard* fazia muito sucesso na casa. Preparada às pressas, a montagem necessitou da volta do ponto para poder estreiar. Franco Zampari respondeu pela cenografia, recebida com muitas reservas pela crítica, assim como a direção de D'Aversa e a interpretação de Fregolente no papel título. O fracasso de público revela-se na média de sessenta espectadores por sessão.

QUANDO SE MORRE DE AMOR

Novembro de 1959

Texto: Giuseppe Patroni Griffi
Título original: *D'amore si muore*
Tradução: Ruggero Jacobbi
Direção: Alberto D'Aversa
Assistente de direção: Armando Paschoal
Cenografia e figurinos: Túlio Costa
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista-chefe: Aparecido André
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Ruy Crescenti, Antônio Ganzarolli, Francisco Cuoco, Amélia Bittencourt, Carminha Brandão, Marcelo Bittencourt, Mauro Mendonça, Victor Jamil, Suzy Arruda, Dorothy Leirner, Ileana Saska, Tereza Rachel, Fregolente e Dulce Margarida



Em ano sem nem sequer um autor brasileiro apresentado (*Pedro Mico* não é uma produção do TBC), essa peça do dramaturgo italiano Giovanni Patroni Griffi (1921-2005) encerra a temporada do TBC repleta de fracassos, com apenas um espetáculo com relativo sucesso comercial (*Romanoff e Julieta*). Foram menos de cem espectadores por sessão, e a crítica opinou: “Deve-se reconhecer que o TBC já não é o mesmo de antes, e que a nobre tradição deste teatro que no passado apresentou espetáculos de alto nível vai se perdendo, apesar dos esforços dos que dirigem, preparam e organizam representações” (Revista *Anhembi*, n. 111, fevereiro de 1960).

O programa contém uma relação detalhada de todos os títulos apresentados no palco do TBC de 1948 a 1959, com informações de números de representações no Rio e em São Paulo e também menções sobre tratar-se de espetáculo do grupo ou de companhia convidada.

IDADE PERIGOSA

Janeiro de 1960

Texto: James Leo Herlihy e William Noble

Título original: *Blue Denim*

Tradução: R. Magalhães Jr.

Direção: Henriette Morineau

Cenografia e figurinos: Napoleão Muniz Freire

Cenotécnico: Atilio del Fiore

Eletricista: Aparecido André

Direção de cena: Sebastião Ribeiro

Elenco: Odavlas Petti, Jorge Chaia, Léa Surian,

Alzira Cunha, Hugo Sandes e Yvi Fernandes



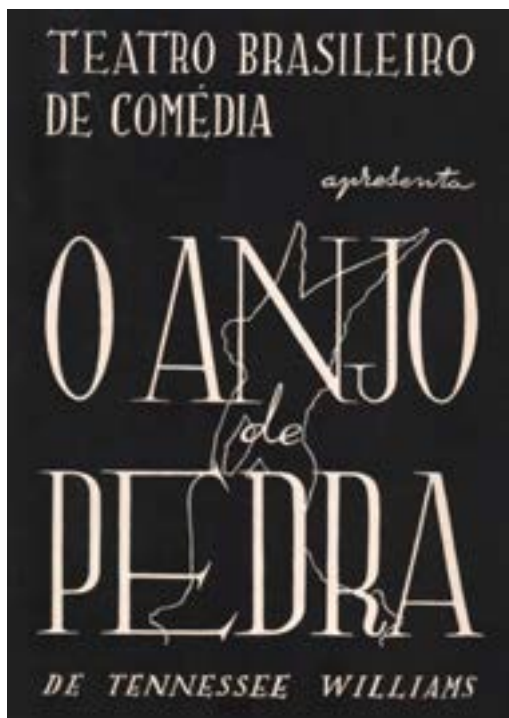
Esta produção do TBC estreou no Teatro Ginástico no Rio de Janeiro em 1959, onde teve 59 apresentações, e abriu a temporada paulistana de 1960, realizando em São Paulo quase o mesmo número de sessões, com uma média pouco superior a cem espectadores por sessão. Dirigida por Henriette Morineau e com elenco liderado pelo estreante Odavlas Petti, a peça, creditada aos dramaturgos norte-americanos James Leo Herlihy (1927-1993) e William Noble (1932-), mostra o eterno conflito de gerações e a saga dos jovens Arthur Bartley (Odavlas) e Janet Williard (Yvi Fernandes) às voltas com uma gravidez indesejada.

Em fevereiro do mesmo ano, o elenco do TBC viajou para Porto Alegre, permanecendo na capital gaúcha até maio com as peças *Leonor de Mendonça*, *Um panorama visto da ponte* e *O anjo de pedra*, esta última uma remontagem dirigida por Benedito Corsi que voltou ao cartaz em junho em São Paulo, no Teatro Maria Della Costa, uma vez que o palco do teatro estava em reformas. Nesse período, Flávio Rangel é nomeado diretor artístico do TBC e o núcleo carioca da companhia é dissolvido.

O ANJO DE PEDRA

Junho de 1960

Texto: Tennessee Williams
Título original: *Summer and Smoke*
Tradução: R. Magalhães Jr.
Direção: Benedito Corsi
Cenografia: Belá Paes Leme
Figurinos: Kalma Murtinho
Elenco: Vera Lúcia, Henrique Ogalla, Elísio de Albuquerque, Dina Lisboa, Leonardo Villar, Francisco Martins, Ericka Falken, Moacyr Marchesi, Nathalia Timberg, Alzira Cunha, Elisabeth Henreid, Odavlas Petti, Cecília Carneiro, Cândida Teixeira, Jorge Chaia e Sérgio Albertini



Nova produção da peça de Tennessee Williams que fizera muito sucesso dez anos antes. Novo cenário, novos figurinos, elenco quase totalmente renovado e direção assinada por Benedito Corsi, substituindo Luciano Salce.

O papel da protagonista Alma Winemiller, tão bem defendido por Cacilda Becker em 1950, coube aqui a Nathalia Timberg, que, segundo a crítica, o realizou de maneira igualmente talentosa. Leonardo Villar interpretou John Buchanan Jr., o antagonista de Alma. Ao mesmo tempo, essa dupla ensaiava o próximo espetáculo do TBC. A peça foi apresentada no Teatro Maria Della Costa durante o mês de junho de 1960, enquanto finalizavam-se as reformas do palco do teatro da rua Major Diogo.

O PAGADOR DE PROMESSAS

Julho de 1960

Texto: Dias Gomes

Direção: Flávio Rangel

Cenografia e figurinos: Cyro Del Nero

Maquiagem e cabeleiras: Leontij

Tymoszczenko

Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro

Eletricista: Aparecido André

Elenco: Leonardo Villar, Nathalia Timberg, Cleyde Yáconis, Maurício Nabuco, Elisio de Albuquerque, Odavlas Petti, Stênio Garcia, Amélia Bittencourt, Jorge Ovalle, Jacyra Sampaio, Altamiro Martins, Jorge Chaia, Moacyr Marchesi, Marcelo Bittencourt, Jean Thurret, Sérgio Dantas e Batista Oliveira. Roda de capoeira: Assis, Ananias, Vicente, Félix, João e Jorge.



Após avaliar o sucesso até mesmo internacional de *Gimba*, montagem dirigida por Flávio Rangel para o Teatro Maria Della Costa, Franco Zampari permite uma guinada na trajetória do TBC, nomeando Rangel como diretor artístico, em peça de outro autor brasileiro, Dias Gomes, com forte conteúdo social, como fora *Gimba*, de Gianfrancesco Guarnieri.

A montagem é aclamada por crítica e público, consagrando Leonardo Villar como Zé do Burro (um dos personagens mais emblemáticos do teatro brasileiro) e Nathalia Timberg como Rosa, sua esposa, e contou-se, também, com o retorno de Cleyde Yáconis ao TBC, no pequeno papel, mas importante, da prostituta Marli. Espetáculo, direção, autoria, ator, atriz e revelação de cenógrafo (Cyro Del Nero) foram as categorias com que a Associação Paulista dos Críticos de Teatro (APCT, hoje APCA) premiou a montagem, que, além desses, recebeu mais dez prêmios de outras instituições. A peça teve 139 apresentações, vistas por 24 mil espectadores, com uma média de 172 pessoas por sessão.

UM PANORAMA VISTO DA PONTE

1960

Ao sair de cena, *O pagador de promessas* dá lugar a uma reprise da peça de Arthur Miller, com elenco reformulado, não contando mais com Sérgio Britto e com as participações de Fernanda Montenegro e Ítalo Rossi. Permanecem os protagonistas Leonardo Villar e Nathalia Timberg. A remontagem é assinada por Armando Paschoal.

O PAGADOR DE PROMESSAS

1960

A peça volta ao cartaz por mais um mês (28 apresentações), alcançando 6 mil espectadores.

UM GOSTO DE MEL

Novembro de 1960

Texto: Shelagh Delaney
Título original: *A Taste of Honey*
Tradução: Gert Meyer
Direção: Benedito Corsi
Cenografia e figurinos: Darcy Penteado
Consultoria musical: Maurício Nabuco
Música "Um gosto de mel": Jean Thuret
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista-chefe: Aparecido André
Elenco: Nathalia Timberg, Amélia Bittencourt, Leonardo Viljar, Jean Thuret e Odavlas Petti.



A dupla Nathalia Timberg e Leonardo Villar volta a se reunir, depois das bem sucedidas parcerias em *Um panorama visto da ponte* e *O pagador de promessas*, para interpretar esta peça da inglesa Shelagh Delaney (1938-2011), que fazia muito sucesso em Londres. Escrita em 1958, a obra chegou rapidamente ao Brasil, traduzida por Gert Meyer e dirigida por Benedito Corsi. Mas a realidade da juventude pobre londrina não atingiu os espectadores paulistanos, que pouco compareceram às 42 apresentações.

A SEMENTE

Abril de 1961

Texto: Gianfrancesco Guarnieri
Direção: Flávio Rangel
Assistente de direção: Stênio Garcia
Cenografia: Cyro Del Nero
Cenotécnico: José Gomes Pupe
Música: Caetano Zamma
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Eletricista: Aparecido André
Elenco: Cleyde Yáconis, Nathalia Timberg, Júlio Prates, Rosa Maria Munari, Vivian Miragaia, Gianfrancesco Guarnieri, Amélia Bittencourt, Caetano Zamma, Ilemá de Castro, Marcelo Bittencourt, Leonardo Villar, Juca de Oliveira, Aramis de Oliveira, Laércio Laurelli, Stênio Garcia, Elísio de Albuquerque, Sérgio Dantas, Paulo Pinheiro, J. Henrique de Carli, Noel Silva, Flávio Migliaccio, Luiz Vergueiro, Dione de Carli, José Egydio, Milton Baccarelli, Cuberos Netto, Ruth Dantas, Sônia Miragaia, Yola Maia, Iná de Souza, Leopoldo F. Inglez, Batista de Oliveira, Francisco Fabrizio, Leda de Oliveira, Sebastião Silva, Francisco Golanda Sobrinho, Ezio F. Gonçalves e José Tibiriçá



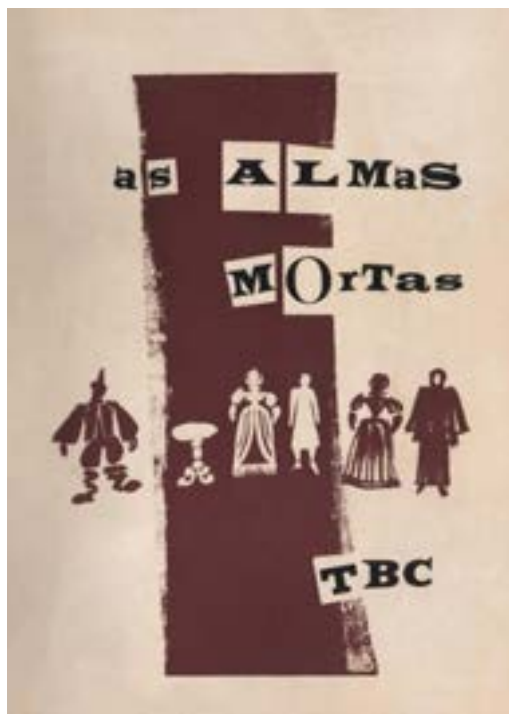
Afora mais uma reprise de *Um panorama visto da ponte* em janeiro, o teatro da rua Major Diogo permaneceu fechado por alguns meses por problemas econômicos e também de censura, que chegou a proibir o texto de Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006). No final de abril (dia 27), as cortinas voltam a abrir para apresentar *A semente*, aproveitando a popularidade alcançada pelo jovem Guarnieri depois de *Eles não usam black-tie* (Teatro de Arena) e *Gimba* (Cia. Maria Della Costa). Mais uma produção com quase quarenta pessoas no palco, o elenco reuniu nomes famosos como Cleyde Yáconis, Leonardo Villar, Nathalia Timberg, Elísio de Albuquerque e Stênio Garcia, além dos estreantes no TBC Juca de Oliveira, Gianfrancesco Guarnieri e Flávio Migliaccio, vindos do Teatro de Arena, e mais de uma dezena de figurantes.

A peça, de forte conteúdo social, foi apresentada 106 vezes (três meses em cartaz), para cerca de 26 mil espectadores, com média significativa de 245 pessoas por sessão. No entanto, o sucesso tanto de crítica como de público não livrou o grupo do sufoco financeiro.

AS ALMAS MORTAS

Agosto de 1961

Texto: Nicolai Gogol
Adaptação: Arthur Adamov
Tradução: Flávio Rangel e Antônio Abujamra
Direção: Flávio Rangel
Assistente de direção: Stênio Garcia
Cenografia e figurinos: Cyro Del Nero
Cenotécnicos: José Gomes e Jarbas Lotto
Música: Carlos Lyra e Francisco de Assis
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Eletricista: Aparecido André
Direção de cena: José Pupe
Elenco: Nathalia Timberg, Luiz Linhares,
José Egydio, Elísio de Albuquerque, Maria
Célia Camargo, Rosa Maria Munari, Gustavo
Pinheiro, Juca de Oliveira, Stênio Garcia,
Flávio Migliaccio, Cleyde Yáconis, Cuberos
Neto, Luiz Vergueiro, Noel Silva,
Gianfrancesco Guarnieri, Elias Gleyzer,
Laércio Laurelli, Ruthinéia de Moraes,
Ilema de Castro, Aramis de Oliveira e
Leopoldo F. Inglez



Esta adaptação teatral do romance inacabado de Nicolai Gogol (1809-52) realizada pelo dramaturgo francês Arthur Adamov (1908-70) foi a escolha de Flávio Rangel para a montagem do TBC a suceder o sucesso *A semente*. Rangel traduziu o texto em francês em parceria com Antônio Abujamra.

O protagonista Pável Ivanovitch Tchitchicov, que viaja pela Rússia à procura de “almas mortas” (servos camponeses mortos, mas computados e tributados em recenseamentos), foi interpretado por Luiz Linhares, tendo a seu lado mais de vinte atrizes e atores, muitos também presentes no elenco de *A semente*. Ruthinéia de Moraes fez sua estreia na companhia nesta peça. Curiosidade da ficha técnica: a música criada por Carlos Lyra em parceria com Chico de Assis. Foi apresentada apenas treze vezes, para um exíguo público de seiscentas pessoas (média inferior a cinquenta por sessão).

A ESCADA

Outubro de 1961

Texto: Jorge Andrade
Direção: Flávio Rangel
Assistente de direção: Stênio Garcia
Cenografia: Cyro Del Nero
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Eletricista: Aparecido André
Direção de cena: José Pupe
Elenco: Luiz Linhares, Carmen Silva, Cleyde Yáconis, Miriam Mehler, Nilda Maria, Elísio de Albuquerque, Maria Célia Camargo, Gianfrancesco Guarnieri, Nathalia Timberg, Laércio Laurelli, Juca de Oliveira, Ruthinéia de Moraes, Stênio Garcia, Flávio Migliaccio, Noel Silva, José Egydio, Cuberos Netto e Leda Maria



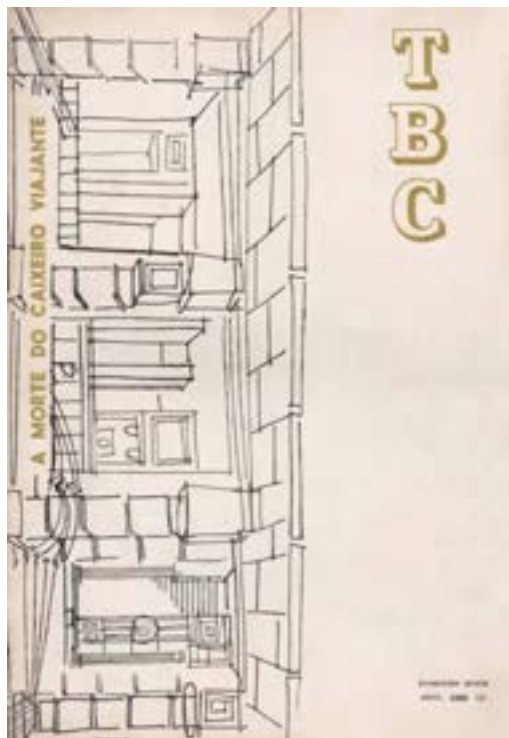
Em meio à crise do TBC, Zampari estreia a última montagem do ano. Trata-se de mais um texto brasileiro, desta vez de autoria de Jorge Andrade (1922-84), saído dos quadros da Escola de Arte Dramática (EAD) dirigida por Alfredo Mesquita.

A escada é um drama que mostra os elementos de uma família que compartilha um casarão com vários aposentos e uma escada comum que os une e desune. O cenário de Cyro Del Nero é elemento importante da trama. A peça é apresentada 160 vezes para cerca de 36 mil espectadores, com a considerável média de 225 pessoas por sessão. Ao final do ano, Armando Paschoal retira-se da Sociedade Brasileira de Comédia (SBC).

A MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE

Março de 1962

Texto: Arthur Miller
Título original: *Death of a Salesman*
Tradução: Luís Jardim
Direção: Flávio Rangel
Cenografia: Maria Bonomi
Montagem: José Gomes Pupe
Música: Damiano Cozzella
Maquiagem: Leontij Tymoszczenko
Eletricista: Aparecido André
Elenco: Dionísio Azevedo, Cleyde Yáconis,
Leonardo Villar, Juca de Oliveira, Stênio
Garcia, Maria Célia Camargo, Xandó
Batista, Elísio de Albuquerque, Laércio
Laurelli, Silney Siqueira, Nilda Maria,
Ruthinéia de Moraes e Carmen Silva



O drama de Willy Loman, personagem icônico de Arthur Miller (1915-2005), subiu ao palco do TBC com interpretação de Dionísio Azevedo, em sua primeira e única participação na companhia da rua Major Diogo. Cleyde Yáconis interpretou Linda, sua esposa, e ambos foram muito elogiados.

No programa, Flávio Rangel escreveu: “A escolha desta peça pelo TBC vem se coadunar perfeitamente com sua política de repertório: a alternância de textos nacionais com a dramaturgia estrangeira de qualidade, e que possua pontos de contato com a realidade brasileira”. O programa contém, ainda, um breve histórico do TBC e anuncia suas próximas atrações: *Yerma*, *A revolução dos beatos* e *Vereda da salvação*. *A morte do caixeiro viajante* obteve média razoável de 175 espectadores por sessão, permanecendo em cartaz por cerca de dois meses e meio.

YERMA

Maio de 1962

Texto: Federico García Lorca
Tradução: Cecília Meirelles
Direção: Antunes Filho
Assistente de direção: Stênio Garcia
Cenografia e figurinos: Maria Bonomi
Montagem: José Gomes Pupe
Assistente de figurinos: Jean Laffont
Execução de figurinos: Pierina e Josefina
Música: Diogo Pacheco
Coreografia: Paula Martins
Eletricista: Aparecido André
Direção de produção: Maria Célia Camargo
Elenco: Cleyde Yáconis, Berta Zemel, Dina Lisboa, Lélia Abramo, Maria Célia Camargo, Raquel Forner, Hedy Toledo, Yvonne Vieira, Cecília Valente, Suzana Barreto, Riva Nimitz, Laerte Morrone, Nilda Maria, Wilma Duarte, Carmen Silva, Yola Maia, Miriam, Luís Alberto, Fernando, Raul Cortez, Altair Lima, Laércio Laurelli, Stênio Garcia, Osmano Cardoso, Esther Vera, Miriam, Christina Martins, Gilberto Spina, José Pupe e Paquito



No último dia de maio estreia a primeira direção de Antunes Filho para o TBC, proporcionando a Cleyde Yáconis uma interpretação antológica. Segundo as pesquisas de fortuna crítica realizadas por Alberto Guzik para seu livro *TBC: crônica de um sonho*, a trágica personagem criada por Federico García Lorca (1898-1936) foi um dos pontos fortes da vitoriosa carreira da atriz. O personagem de Juan, o marido, foi o primeiro papel importante de Raul Cortez no teatro, inaugurando uma brilhante carreira. O elenco de apoio contou com nomes como Lélia Abramo, Berta Zemel, Laerte Morrone e Stênio Garcia. Este último também esteve na assistência de direção do espetáculo. A elogiada cenografia foi criada por Maria Bonomi, que viria a ser a esposa do diretor Antunes Filho. Apesar do entusiasmo da crítica, o público pouco compareceu: apenas 9 mil espectadores nas 55 sessões apresentadas, com média de 163 pessoas por récita (menos da metade da capacidade da plateia).

Para cobrir a saída de cartaz de *Yerma*, o TBC reprisou em julho *O pagador de promessas*, enquanto preparava sua nova produção: *A revolução dos beatos*.

A REVOLUÇÃO DOS BEATOS

Setembro de 1962

Texto: Dias Gomes
Direção: Flávio Rangel
Assistente de direção: Stênio Garcia
Cenografia: Cyro Del Nero
Montagem: José Gomes Pupe
Direção musical: Catulo de Paula
Fotografia: Klaus Werner
Eletricista: Aparecido André
Direção de produção: Maria Célia Camargo
Elenco: Catulo de Paula, Stênio Garcia, João Bosco, Raul Martins, Humberto José, Pedro Cassador, Osmano Cardoso, Eduardo Pinheiro, Ângela Diniz, Mirian Muniz, Luiz Alberto, Rodolfo, Arassary de Oliveira, Milton Moraes, Raul Cortez, Betinho, J. França, Carmen Silva, Edmundo Lopes, Felipe Wagner, Roberto Segreti e Ruy Nogueira



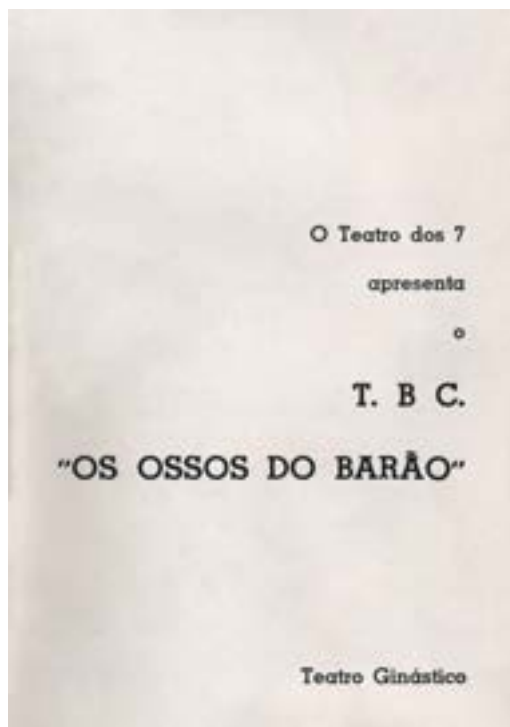
A peça de Dias Gomes sobre fanatismo religioso, criticando o uso político que o padre Cícero Romão permitiu que se fizesse de sua pessoa, tinha tudo para ser um sucesso: figuras populares, diálogos ágeis, tradução cênica dinâmica de Flávio Rangel e um elenco excelente. No entanto, resultou em incompreensível fracasso, sendo retirada de cartaz após 37 sessões (pouco mais de um mês), com apenas 4 mil espectadores.

Flávio Rangel afasta-se da direção artística e o ano termina com a situação do teatro ainda mais agravada. Das três produções realizadas, duas resultaram em grandes fracassos e uma teve sucesso apenas relativo (*A morte do caixeiro viajante*). Nos programas do ano de 1962, Franco Zampari aparece como “presidente perpétuo” do grupo. No mês de novembro, Tônia Carrero apresenta-se no teatro com a peça *Tiro e queda*, de Marcel Achard, dirigida por Antonio de Cabo.

OS OSSOS DO BARÃO

Março de 1963

Texto: Jorge Andrade
Direção: Maurice Vaneau
Cenografia e figurinos: Marie-Claire Vaneau
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Eletricista-chefe: Aparecido André
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Otello Zelsoni, Lélia Abramo, Sylvio Zilber, Rubens de Falco, Cleyde Yáconis, Aracy Balabanian, Aurea Campos, Hedy Toledo, Dina Lisboa, Marina Freire, Léa Surian e Sylvio Rocha



Com a saída de Flávio Rangel, Maurice Vaneau, que havia voltado da Europa, reassume a direção artística da casa em meio à já conhecida crise financeira. É escolhida uma comédia escrita por Jorge Andrade para iniciar a temporada de 1963, e o resultado ultrapassa todas as expectativas, constituindo-se o maior sucesso de toda a história do TBC. Estreou em março de 1963 e permaneceu em cartaz até maio de 1964, sendo vista por mais de 150 mil pessoas.

As artimanhas do emigrante italiano Egisto Ghiretto para integrar-se à decadente sociedade paulistana e casar seu filho com uma integrante da burguesia local foram vividas por Otello Zelsoni, que, segundo a crítica, era o responsável pelo excelente ritmo do espetáculo. A peça contou com Lélia Abramo, Cleyde Yáconis, Sylvio Zilber e Rubens de Falco no elenco. Os cenários e figurinos foram assinados por Marie-Claire Vaneau, então esposa do diretor.

Maurice Vaneau é cético em relação ao futuro do grupo, conforme atesta no programa da peça: "Hoje o TBC reabre suas portas, mas por quanto tempo? [...] é concebível que este teatro esteja à mercê de um ou dois fracassos de público?".

VEREDA DA SALVAÇÃO

Julho de 1964

Texto: Jorge Andrade
Direção: Antunes Filho
Assistente de direção: Stênio Garcia
Cenografia e figurinos: Norman Westwater
Música: Damiano Cozzella
Maquiagem e cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Eletricista-chefe: Aparecido André
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Elenco: Raul Cortez, Cleyde Yáconis, Renato Restier, Aracy Balabanian, Stênio Garcia, Sylvio Rocha, Esther Mellinger, Lélia Abramo, Anita Sbrana, Ruth de Souza, José Antônio Sbrana, Yola Maia, Marta Helena Araújo Ferreira, Fiorella, Roberto Azevedo, Potyguar Lopes, Eugênio do Nascimento, José Pereira, Leilah de Almeida Assumpção, Carmen Pascal, Therezinha de Mello, Regina Célia Rodrigues e Nair Araújo



Após quatro meses de ensaios, com exaustivos laboratórios de interpretação, *Vereda da salvação* estreou em julho de 1964, no período de imposição do regime ditatorial implantado pelo golpe civil-militar do mês de abril. A expectativa em torno da montagem da tragédia escrita por Jorge Andrade era muito grande e tudo indicava que seu sucesso seria a redenção do TBC, mas saiu de cartaz sem ter sido totalmente testada, e seu fracasso motivou a demissão de Maurice Vaneau do cargo de diretor artístico.

De qualquer maneira, os críticos foram unânimes em elogiar os trabalhos viscerais de Raul Cortez, como o fanático Joaquim, e de Cleyde Yáconis, como Dolor, sua mãe. Ruth de Souza participou do elenco, assim como a estreante Leilah Assumpção, que se tornaria importante dramaturga. O programa da peça contém uma lista completa do repertório do TBC desde 1948 e um relatório que detalha as 144 peças apresentadas no palco do teatro até 30 de junho de 1964. Trata-se da soma das peças produzidas pela companhia com as montagens convidadas.

GOG E MAGOG

Outubro de 1964

Texto: Roger MacDougall e Ted Allan
Título original: *Gog and Magog*
Tradução: Zilda Daier
Direção: Alberto D'Aversa
Cenografia: Carlos Sobrinho
Figurinos: Célia Biar
Cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro
Eletricista-chefe: Aparecido André
Direção de cena: Sebastião Ribeiro
Elenco: Alvim Barbosa, Aracy Balabanian,
Dina Lisboa, Renato Restier, Sylvio Rocha e
Sérgio Cardoso



O diretor Alberto D'Aversa tenta de todos os modos prolongar a vida da legenda TBC, mas *Gog e Magog* tem como único destaque a volta de Sérgio Cardoso àquele palco, recebido, no entanto, com críticas mornas.

OS OSSOS DO BARÃO

Abril de 1965 (Temporada carioca)

A reprise do sucesso acontece de janeiro a março de 1965, seguida de temporada no Rio de Janeiro, em abril, a convite do Teatro dos Sete, grupo fundado na capital fluminense por Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Sergio Britto, Ítalo Rossi e Gianni Ratto após deixarem o TBC. As apresentações são sediadas no Teatro Ginástico.

ESSES FANTASMAS

Junho de 1965

Texto: Eduardo De Filippo
Título original: *Questi Fantasmi*
Tradução: Mário da Silva e Renato Alvim
Direção: Alberto D'Aversa
Cenografia: Aldo Calvo
Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro
Cabeleiras: Leontij Tymoszczenko
Eletricista: Aparecido André
Contrarregra: Manuel Gutierrez
Direção de cena: Mário Gonçalves
Elenco: Silvio Rocha, Cavagnoli Neto, Maurício Nabuco, Otello Zeloni, Dalva Dias, Beatriz Segall, Francisco Negrão, Dina Lisboa, Maria de Fátima, Marco Antônio, Ricardo Campos, Izabel Werneck e Manuel Gutierrez



Em direção mais uma vez a cargo de Alberto D'Aversa, *Esses fantasmas* pretende reviver o sucesso de *Ossos do Barão*, trazendo Otello Zeloni novamente no elenco. Beatriz Segall também participa da montagem, mas o espetáculo não conhece o sucesso da primeira peça com Zeloni.

OS ESPECTROS

Novembro de 1965

Texto: Henrik Ibsen

Título original: *Gengagere*

Tradução: Paula Lima

Direção e cenografia: Alberto D'Aversa

Maquiagem: Leontij Tymoszczenko

Maquinista-chefe: Arquimedes Ribeiro

Eletricista-chefe: Aparecido André

Produção: Teatro da Cidade de São Paulo

Elenco: A. C. Carvalho, Dorothy Alvisi, Lélia

Abramo, Sebastião Campos e Vicente Acedo



Apesar de não mais ser “apresentada” pela Sociedade Brasileira de Comédia, mas produzida pela efêmera legenda Teatro da Cidade de São Paulo, esta foi a terceira produção consecutiva com técnicos, maquiador e diretor remanescentes do TBC dos anos 1950, além de contar com Lélia Abramo no elenco, após sua marcante presença em *Vereda da salvação*. Assim, representou a última produção com características dominantes da legenda, colocando um ponto final definitivo no ciclo iniciado em 1948.